

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P. J. JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, Interinas - Presidência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENIDA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
AÑO II

Melgaço 1 de Junho de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N. 120

EM DIA DE ANOS...

Entramos no décimo primeiro aniversário da fundação deste jornal.

Se os acontecimentos valem pelo que significam e representam, a festa de hoje vale, além do mais, pela posição que o nosso jornal conquistou, sem abdicções, sem transigências e sem amizades que atraíam.

As cartas que durante o ano foram dirigidas ao Director e aqui se publicaram mostram bem o nível de interesse deste jornal para o nosso Concelho.

Batendo-nos pelos assuntos da terra, indiferentes aos "casinhos" locais, falando de alto, com aquela autoridade que nos dá o facto de a ninguém devermos favores ou dirigirmos súplicas, "A Voz de Melgaço" tem aumentado de assinantes e, estes, reclamam-no quando por qualquer razão o correio lho não leva na data precisa.

Continuaremos, pois, como até agora, no mesmo rumo, visto que não temos que mudar.

Aos nossos prezados assinantes agradecemos a amizade que nos votam, a dedicação que tem ao jornal e, ainda, a pontualidade com que satisfazem o pagamento da assinatura.

Aos anunciantes desejamos as maiores prosperidades comerciais.

Aos colaboradores, que são tantos e tão distintos, que põem seu nome no que escrevem, desde os assíduos correspondentes das aldeias até aos verdadeiros escritores, as nossas homenagens de gratidão, profundamente amiga.

E vamos para a frente, porque a alma de Melgaço vibra nestas colunas e, por isto, o jornal vive, prospera e continuará a servir a Deus, a Igreja, a Pátria e a nossa terra.

por JÚLIO VAZ

UM PASSEIO A TERRAS DE BRAGANÇA

I

Dia 26 de Março último. Este dia era aguardado com grande ansiedade por todas as pessoas que se iam deslocar a Bragança, para aí assistirem ao enlace matrimonial da Professora D. Maria Helena da Cruz com o Professor José Augusto Lourenço, ambos a exercer no vizinho concelho de Monção.

Pena foi não termos um dia bonito, um dia de rosas, enfim um dia próprio da quadra primaveril que estávamos a atravessar. Mesmo assim, apesar de termos um dia chuvoso, todos estávamos animados, bem dispostos e cheios do melhor entusiasmo, não só porque íamos testemunhar a nossa amizade e consideração pelo colega e amigo de infância, José Augusto Lourenço, acompanhando-o no passo mais decisivo e mais importante da vida do homem — o casamento —, mas também, porque novas paisagens e novos horizontes para quase todos desconhecidas se iam patentear ao nosso espírito.

Eram 13 horas do dia 25, quando comodamente instalados numa moderna "Volkswagen" guiada pelo seu proprietário e grande ás do volante João Castro, partimos a caminho de Bragança.

Entre as pessoas que me acompanharam contava-se o

(Continua na 6.ª página)

Luis Manteira

Depois de um peregrinar constante em busca de saúde, sempre carinhosamente assistido de sua querida esposa, e de seus dedicados filhos Maria Luiza, e genro eng. Armando Gonçalves Rodrigues, faleceu às 3 horas do dia 13 — dia de N. Senhora de Fátima — o nosso querido amigo e distinto melgaçense Luis Monteiro, no Hospital da Trindade, da cidade do Porto, aonde foi operado de emergência.

Vimo-lo, e com ele conversamos, no Hospital de Braga. Sua fé intensa, sua bondade e perdão, edifi-

ficaram-nos profundamente. E não foi menos a nossa edificação espiritual, pela forma admirável de resignação e de fé, e com que recebeu os derradeiros sacramentos.

No dia 14, às 5 horas da tarde, foi feita a transladação do Porto para a Póvoa de Lanhoso, aonde vive, por aí haver construído o seu lar, a sua filha Maria Luiza Monteiro Rodrigues.

Acompanharam-no da cidade do Porto à Póvoa de Lanhoso as pessoas da família; e os mais íntimos da família, como o ilustre médico

portuense, Dr. Cândido Gil da Costa, e João Gil da Costa, com suas Ex.mas Esposas, e, ainda, D. Maria da Conceição Areias da Rocha.

O cadáver do saudoso extinto foi depositado na capela do Hospital António Lopes, onde, às 10 horas, do dia 15, houve missa de corpo presente; seguindo-se à transladação para a igreja matriz. Presidiu o muito digno pároco da freguesia e Presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso, P. José Dias.

Incorporaram e inúmeras pessoas; de todas as camadas sociais — médicos, advogados, engenheiros, funcionalismo, gente simples dos concelhos de Braga, Vieira, Póvoa de Lanhoso e Celorico de Basto.

O comércio local encerrou, e os Bombeiros, que puseram bandeira a meia haste, Irmandades e Condições; bem como irmãos da Misericórdia da Póvoa de Lanhoso tomaram parte no funeral.

Lindas coroas e formosos bouquês cobriram o caixão, com defecatórias expressivas:

«Eternas saudades da tua Laurinda»; «Saudade sem fim, dos filhos amigos — Maria Luiza e Fernando»; «Dos filhos, que nunca o esquecerão — Vitória e Luis José»; «Beijinhos sem fim, da actinha querida — Luiza Maria»; «Eterna saudade, dos primos Marcelina e José Monteiro»; «João Gil da Costa e esposa — com profundo pesar»; e Cândido Henriques Gil da Costa e família — com profundo pesar».

Na igreja Matriz da vila celebrou-se um terço de missas; ditadas pelos rev. dos Abades da vila, arcepreste, e pároco de Monção.

Daqui seguiu o préstito fúnebre para o cemitério.

Durante o percurso, do Hospital ao cemitério, organizaram-se diferentes turnos, que pagaram

(Continua na 6.ª página)

NOSSA HOMENAGEM

Nestes dez anos de vida; o nosso jornal teve duas penas que em nenhuma quinzena faltaram:

Foram o Mário e o Justino Vieites, este correspondente de Parada.

A ambos a nossa gratidão.



O artista é obra da natureza e da graça.

Em Sampayo, que retrata as almas e esculpe na fotografia a verdadeira beleza artística, se verifica a aliança extraordinária da natureza e da graça.

Ali, da freguesia de S. Paio, a fortuna, o dinheiro, não o bafejou, porque não é possível casarem-se o espírito e o dinheiro.

Mas a natureza deu-lhe a intuição da arte, e a graça, o Senhor, deu-lhe fé bastante para a colocar ao serviço do Belo.

Sampayo é um valor da nossa terra, que ele acarinhava e estremece, que honra com a sua visita anual, que a espalha ao longo e ao largo com o seu nome de artista.

Venceu as fronteiras, porque o verdadeiro artista é universal, e acolhe-se, sempre, ao silêncio do seu pequeno mundo interior, e ao encanto do seu lar.

No aniversário do nosso jornal quisemos lembrar Sampayo, como mestre de arte e orgulho da nossa Terra.

Da Vila

Maio, 26.

COISAS QUE DESAPARECEM...

VII

OS FALSOS MENDIGOS

Por certo, só os muito novos se não acordarão da chusma de falsos mendigos que, com uma pontualidade capaz de causar pilhas de inveja ao inglês mais exacto no cumprimento dos seus deveres, buscava todas as feiras que aqui se realizavam nos dias 9 e 24 de cada mês. Quem era, donde vinha e para onde retirava esta cáfila de sacripantes, foi coisa que nunca conseguimos apurar; senão que todos se apresentavam sujos e andrajosamente vestidos — eles com sua barbicha à existencialista, e elas, num desleixo confrangedor, rodeadas e carregadas com a sua (?) numerosa prole. Uma vez crestada a colmeia... iam-se pelo mesmo caminho por onde tinham vindo: Estrada Nacional abaixo...

Chegava, pois, esta vagabundagem a Melgaço... uns na véspera e outros na madrugada do dia da feira; uns faziam o trajecto montados em trôpegas e lazarentas allimárias e outros a *pedibus calcantibus*; uns disfarçavam-se no monte da Senhora da Graça e outros algures, onde podiam; e, quase todos eles, para campo de actividade, preferiam a rua do Rio do Porto, onde, a tempo e horas, assentavam seus arraiais, expondo, desde a Ponte até à "Loja Nova" um ténico estendal de misérias: como cegueira, paralisia, chagas cancerosas e outras fictícias mazelas que não tinham, mas que a prodigiosa imaginação daqueles refinadíssimos trampolheiros era fértil em engendrar e reproduzir com uma fidelidade de pasmar.

Então não era tarefa fácil atravessar aquela artéria sem ficar com os nervos verdadeiramente arrazados, pelo muito que esta corja de tunantes importunava a quem passava. Eram insuportáveis...

Com seus gestos atrevidos, geitos e mímica teatrais, numa lamúria capaz de fender as próprias pedras da calçada, para melhor falar ao coração das pessoas de boa fé, mostravam as suas maturadas e como possessos exclamavam:

— O meu senhor! pelas ricas alminhas de quem lá tem, olhe p'ra esta "desgracia!"

Se, porém, o argumento não pegava... então, o intrujão, apontava um rancho de fedelhos — seus, emprestados ou alugados, e não raras vezes deformados com defeitos físicos para... dar mais efeito — e repetia o estafadíssimo slogan:

— O meu senhor! veja a minha "desgracia"! tenha compaixão destes inocentinhos!

Lábia não faltava áqueles descarados trapaceiros, lá isso não; e, como inecutos houve-os sempre e em todas as latitudes... facilmente se adivinha como as moedas de cobre e níquel iam pingando, cuja colheita, finda a feira, convertiam em vinhaça e mais vinhaça na primeira tasca que se lhes deparasse.

Nesta altura, como os célebres mendigos da "Cour des Miracles" de que nos dá notícia Vítor Hugo, já não havia cegos, coxos, paráliticos nem cancerosos; pois, como aqueles, os cegos viam, os coxos e os paráliticos andavam, e os cancerosos tinham seu corpo tão são como pèros neste estado...

Certo que entre esta súcia de embusteiros havia também verdadeiros mendigos, como, por ex., certo cego, cuja cantilena, invariavelmente, era:

— Dai! dai! dai!...

Se pressentia que o transeunte parava, voltava-se para o seu guia — um matulão amandronado, com ares de patife a cem por cento — e dizia:

— Deu! deu! deu!...

Ao que o tratante do guia, malcriadamente, respondia:

— Deu... é que deu!... Não deu nada!...

Aquele patifório abotoava-se com as espórtulas do pobre cego...

Em certa ocasião, no falado monte da Senhora da Graça, surpreendemos três ou quatro destes bigorrilhas a proceder à sua "maquilhagem"... a colocar na perna um naco de carne fresca que fixavam com uma liga muito conspurcada, passada e repassada em cruz, de modo que o tal naco ficava a ver-se, dando a impressão de que "aquilo" era realmente uma chaga cancerosa, quando, afinal, não passava duma vil mistificação. Ora os patifes!...

Mas outros, destes biltres, preferiam meter um braço por entre o corpo e a camisa e com a manga desta e a do casaco pendentes faziam-se passar por mutilados, e ainda outros conseguiam revirar os olhos de tal maneira que quem os via cria-os verdadeiramente cegos.

(Continua na 4.ª página)

Crónica de Paços

À volta da avenida em Merelhe

Paços não é daquelas paisagens grotescas e ásperas; nem é monotonia silenciosa; é uma paisagem levemente colorida, animadamente juvenil.

Desce em lentidão meditativa até às margens do Minho, para subir alcantiladamente ao seu miradouro natural — Viladraque.

Daqui maravilha-nos a harmonia de cores, graciosamente combinadas, e encantam-nos as suas formas modestas e simples a comunicarem-se com a voluptuosidade dos campos.

A irregularidade do terreno ora se funde com o verde dos pinheiros, ora se quebra em recortes, até que as sombras do anoitecer o aplanem.

A tarde baixa cansada, mas confusa nas suas formas e mais torturante nas recordações que cria.

Os clarões de brilho, a graça feminina da paisagem; tomam tons pálidos, que correm paralelos à saudade duma vida passada.

Então tudo é deslumbrante.

No indefinido de formas crescem fugitivas serpentinadas de fumo, sobem loucas de alegria, sobem até se desfazerem num adeus indefinido, que reflecte no vácuo de existências solitárias.

A vida recolhe-se e vai adormecendo parotizada pelo sombreado da noite.

De toda esta romaria de tinta: que se finam, somente fica um intervalo ao pensamento e à meditação.

Perdemos-nos em reflexões; voltamos retrospectivamente ao passado e criticamos o presente, se este não soube manter, em ritmo crescente, as aspirações justamente enraizadas e dar-lhes uma existência real.

Também, assim, num fim de tarde transparente, estranhamente melancólico e primorosamente colorido, revoltei o meu pensamento contra um abuso que, há muito, tem foros de legalidade.

Mais parece uma irrisão à autoridade do que autorizada posse de bens da freguesia.

Refiro-me à malograda avenida de Merelhe.

Esse terreno foi oferecido para aí se estender uma avenida de majestade à capela de N.ª S.ª de Lourdes.

Muitos esforços e sacrificios se dispenderam, mas a avenida, tomando corpo, forma concreta, o sonho já declinava aos lampejos da realidade.

Fortaleciam-se esperanças, atezegava-se a frescura e o perfume de frondosas tilias.

Mas, num turbilhão diluviano, tudo sossobrou.

Num abalo pignemo, o monumento gigantesco de aspirações e ansios caía ingloriamente no nada, sem se ouvir um protesto, um grito de salvação, e todos silenciosamente, assistiam ao demolir dum sonho que já era realidade.

Sociedade

Fazem anos — Hoje a s.ra D. Ermelinda Fernandes de Faro Rocha e o sr. Agostinho Alves; no dia 5 o rev. sr. P.e Justino Domingues; no dia 9 a s.ra D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e o sr. Alberto Caldas; no dia 12 a menina Rosa de Lourdes Caldas; no dia 14 os srs. António Fernandes (Penso) e Lindoso Solheiro de Oliveira, e no dia 15 o sr. eng. Edgar Tito Ribeiro.

Sargento Gonçalves — Cumprimentamos nesta Vila o nosso ilustre amigo sr. Antonio Napoleão Gonçalves, muito digno sargento da Guarda Fiscal, em serviço na Secção de Barca de Alva.

Gaspar Passos de Almeida — Chegado de Lisboa, com sua Esposa, está na magnífica vivenda dos Esparizes, de visita a sua veneranda Mãe, S.ra D. Albina Rosa de Vasconcelos Mourão Passos de Almeida, o sr. Gaspar Octávio Passos de Almeida, conceituado proprietário do "English-Bar" da R. do Corpo Santo, daquela cidade.

José Cabana — Acaba de chegar do Rio de Janeiro o nosso prezado amigo sr. José Esteves (Cabana), considerado comerciante naquela cidade, a quem apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos de boas-vindas e desejamos a melhor boa estadia nesta sua e nossa terra.

Casamento — Na igreja Matriz desta Vila, realizou-se, no pretérito dia 10, o casamento do nosso particular amigo sr. Armando Augusto Esteves, das Carvalheiras, com a prezada menina Beatriz Alves de Melo, da Vila, cujo acto foi testemunhado pelo sr. Mâncio Alves de Melo e pela s.ra Maria da Conceição Gonçalves.

"A Voz de Melgaço", faz votos pelas felicidades do neo-casal cristão.

Penso, 25

Tenho grande prazer em informar que está quase concluída a canalização da água para consumo doméstico. Vinda dos limites da serra de São Tomé, destina-se aos seguintes lugares: Alimpaça, Lages, São Bartolomeu, Paranhão, Bairro Pequeno, Bairro Grande. Agora como lembrança não deve ficar no esquecimento a Luz Eléctrica que era útil para os habitantes, e grande economia. Tudo se fará com os esforços da digna comissão de paróquia que muito bem sabe pedir auxílio à digna câmara, e esta pedir ao nosso bom Chefe do governo para nos auxiliar nas nossas necessidades!...

— Miguel dos Anjos Silva, digno assinante deste jornal muito me alegrou ao dizer-me que já se encontrava bom do sofrimento que o obrigava a guardar o leito por bastante tempo. Antes assim pois o seu temperamento é só fazer bem à humanidade. Destes é que muita falta fazem neste mundo. Deus o ampare.

Desastre — No lugar de Casalmaninho no dia 20 do corrente a S.ra Maria Landrinha, esposa do nosso amigo Marcelino Alves, estava a pesar 14 quilos de Sulfato, numas balanças antigas, de braço, um dos ganchos saiu fora do lugar indo-lhe atingir uma vista. Imediatamente foi a Melgaço para ser socorrida, e o Médico aconselhou-a a ir ao Porto ou Coimbra. Seguiu o seu destino no dia 23 para Viana.

Deus nosso Senhor a socorra pois o coração dela é só fazer bem.

— António de Faro, nosso velho amigo, disse-me que já era possuidor de todos os documentos para poder abrir o estabelecimento de talho e salsicharia na Vila de Melgaço. Ainda bem. Que seja muito feliz em tudo e por tudo é quanto lhe deseja o correspondente deste jornal, de Penso.

Por hoje ficamos por aqui. — (C).

Ninguém, e eram tantos os que deviam reagir, sentiu a responsabilidade do que consentiam.

Comprometedoramente esconderam-se na escuridão da indiférença, como se aquilo lhes fosse inditangível, como se fosse insignificância ridícula.

E' confrangedor ver desprezado um recanto que a natureza cuidadosamente ornamentou.

Organize-se uma comissão, e aniquile-se essa mancha.

Ansilo.

FAZ...

...no dia 3 cinco anos, que faleceu; em Alvarado, o sr. Manuel de Abreu;

...também faz no dia 9 quatro anos que se finou; em Prado, a s.ra Carolina Rosa Pinheiro;

...e no dia 11 faz dois anos que faleceu, também em Prado; D. Leolinda da Conceição Sotheiro.

Que repousem em paz.

Efemérides

Em 2 de Junho de 1907, a Câmara Municipal, em sua sessão, deliberou aprovar a proposta do vereador José Augusto Pires para a construção das escadilhas da canjeia da Calçada, junto à Fonte da Vila.

Em 6 de Junho de 1739, faleceu, em Remoães, o rev. Domingos Durães Caldas, vigário que foi — julgo eu — da referida freguesia; no entanto, se o foi, em 1736 já o não era, porquanto neste ano, e até 13 de Janeiro de 1754, data em que faleceu, apascentou as ovelhas remoanenses o rev. vigário Manuel Esteves.

No mesmo dia e mês de 1907, foi promovido a tenente coronel de infantaria o major da mesma arma Artur Augusto da Silva, de Remoães, sendo colocado no comando do Distrito de Recrutamento e Reserva n.º 3, com sede em Viana do Castelo, em cujo posto o surpreendeu a morte, em 18 de Novembro de 1909, contando 59 anos. Foi casado com D. Damiana Gomes de Sousa e Castro, filha de Bernardo António de Sousa e Castro e de sua mulher, D. Florinda Rosa da Rocha e Sá, da Casa de Gondomar.

Em 10 de Junho de 1786, Agostinho Pereira de Castro, da Quinta de Eiró, contraiu o empréstimo de 5.000 reis à Confraria do Senhor da Vila. Tanto quanto conheço da vida deste Agostinho, tudo atesta não ter sido ela um mar de rosas... pois frequentemente o topo a recorrer a várias confrarias para tirar a corda do pescoço.

Em 14 de Junho de 1806, os frades do Convento Franciscano das Carvalhiças, em Mesa, deliberaram conceder a graça duma sepultura privada, na capela mor da sua igreja, ao capitão mor do Rio do Porto, João António de Abreu Cunha Araújo, cuja marcação só lhe havia de ser feita em 30 de Março de 1813. — (Vide *Melgaço e as Invasões Francesas*, pág. 54).

Em 15 de Junho de 1584, o Duque de Bragança, D. Teodósio, por sua carta, datada de Vila Viçosa e feita pelo punho de Pedro Esteves, confirmou o cargo de alcaide mor de Melgaço e Castro Laboreiro a Fernão de Castro, filho do malogrado alcaide mor das mesmas praças Pedro de Castro, morto em combate na funesta batalha de Alcácer Quibir.

No mesmo dia e mês de 1913, um grande número de melgacenses, num verdadeiro exodo, se dirigiu a Monção e daqui a Lapela, onde foi assistir à inauguração do troço do caminho de ferro entre esta localidade e Valença — inauguração que teve lugar, às 14 horas e 12 minutos, com o comboio correio.

Em... por hoje, julgo prudente pousar por aqui. No próximo número, em querendo Deus, talvez lhes fie mais umas larachas o

Mário

Parada do Monte, 26

Está-se realizando com muita devoção nesta freguesia o mês de Maria, enchendo-se a Igreja de fiéis que vão com muita devoção rezar a Nossa Senhora.

Nascimento — No dia 12 deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª Rosa Pires, do lugar do Pereiral.

O tempo e a agricultura — A, ós uns dias de bom tempo veio a chuva e com a chuva veio o frio. Parece que estamos em Dezembro ou Janeiro.

Principiaram os sachos dos milhos.

O vinho nunca vimos nesta freguesia uma nascença como este ano. Todas as videiras negrejam de cachos. Oxalá que a purga seja boa, que teremos um ano como nunca. — C.

O cúmulo da distracção

UM ENTERRO SEM...MORTO

LEME (São Paulo, Brasil) — Um lavrador morreu nesta localidade e a sua família e os amigos levaram o caixão para o cemitério local.

Quando o caixão desceu à sepultura, o coveiro verificou que estava vazio.

Todo o acompanhamento era suspeito, e chamou-se a polícia para investigar. A polícia verificou que, com a pressa de enterrar o morto, tinham-se esquecido de verificar se o corpo já tinha sido posto no caixão. — *Reiter*.

A gente lê e apenas acredita...

Uma hasta pública

no segundo quartel do século XVIII

Positivamente, a casinha e a horta de Tomé Esteves e de sua mulher, Ana da Ribeira — a casa telhada, sobradada e situada na rua dos Bojios, confrontando por um lado com esta rua e pelos restantes com os parcedeiros que foram das portellas e o parcedeiro do Cappitan Domingos Gomes de Abreu e Joam do Outeiro e a horta situada no Carneiro, cerrada, com porta com sua chave, e que pertia, do nascente, com campo do dito João do Outeiro e, do poente, com terra que ficou de Sebastião da Cunha, agora do rev. Manuel Alves da Silva, irmão daquele Tomé, a qual horta levaria de sementeira mejo alqueire de centejo pouco mais ou menos — horta e alas como foram à Confraria do Senhor da Vila, em 14 de Dezembro de 1732, pela quantia de 30.000 reis, pelo não pagamento deste capital, mais os juros, à razão de seis e quatro por cento ao ano... penhorados; haviam de ir à praça. Era inevitável...

Pois era inevitável, e, por isso, julgada a causa, em 16 de Maio de 1735, pelo capitão João de Araújo Azevedo, vereador mais velho e juiz pela ordenação, que com denou os devedores na pena do pagamento da dívida, juros vencidos, custas, etc., em 26 do mesmo mês e ano, o alcaide do juízo, Lourenço Brandão de Freitas, acompanhado do escrivão do mesmo, António da Rosa Falcão, foram-se à rua dos Bojios — a rua travessa que vai da rua direita para a misericórdia — e aqui, na presença de: e em união; o rev. António Gomes da Costa, da Assadura, e Silvestre Teixeira Torres, negociante do Campo da Feira, desmembraram os leus penhorados e os entregaram na mão de António Gomes, da Vila, que detido se deu por entregue a dar conta delles todas as vezes que por parte da justiça pedido le for. E, logo, nesse mesmo dia, o porteiro do juízo, António Rodrigues, lançou à praça o primeiro pregão com esta voz em que dizia:

«quem quisesse lançar na casa de morada e ortal do Caneijod que he de Thome esteves desta villa que viesse a elle que lhe receberia seu lanço que se havia de rematar!»

Os pregões, mais ou menos, orquestrados por este diapaño, foram lançados às praças durante os dias determinados pela lei, mas... ou fosse por simpatia para com os devedores, ou fosse por receio de certo papão que o L. do Francisco Soares Rebelo soltara na audiência do dia 16, o certo é que as mesmas ficaram desertas.

Os da Confraria, porém, não se deram por vencidos e, assim,

(Continua na 4.ª página)

PRADO, 25

Como é linda a minha terra!...

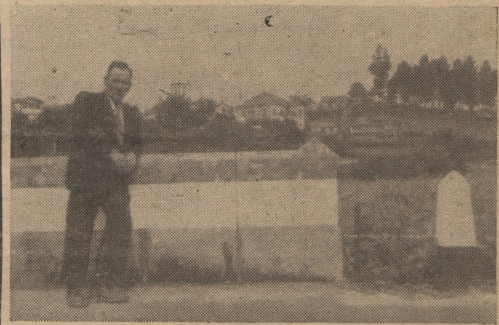
Deste jardim da Europa à beira-mar plantado — Portugal — Melgaço é, indubitavelmente, o mais lindo canteiro; e Prado uma das suas mais belas e graciosas flores.

Efectivamente, Prado, se não é a mais linda, é uma das mais lindas aldeias de Portugal. Tudo aqui é graça e louçania, encanto e poesia; tudo aqui respira calma e quietude, paz e bucolismo. Como é linda e bela a minha terra! e como prende o seu feitiço!...

Eu bem sei — porque nado e criado neste terrinho encantador, onde conto ficar a dormir o sono eterno — que as minhas palavras poderão parecer suspeitas, eu bem sei isso; mas o leitor assente-se sobre preconceitos e paixões; se tem duma e outra coisa, atente na zinco-gravura que ilustra estas linhas — uma amostrazinha que, aliás, não é a mais bela deste Eden encantador... — e veja, mas veja com olhos de ver, se tudo quanto se lhe respira: — igreja, casas, monte, campos, pomares, etc., etc., parece ou não cantar num sorriso de alacridade, um poema de louvor a tão maravilhosa obra do Criador. Claro que sim... claro que parece!...

E isto mesmo no-lo corrobora a vinheta do sr. Ernesto Soares, que muito despreocupadamente arrimado ao parapeto da ponte de S. Lourenço, ante a indiscreta objectiva do fotógrafo o surpreendeu, parece estar a dizer lá para com os seus botões:

— Prado é belo, Prado é gaio,
Prado é lotus que s'aspira;
Portanto, de Prado já não gaio,
De Prado... ninguém me tira!...



Desde o dia 10 do corrente que se encontra na "Vila Sarah", de que é co-proprietária, a Ex.ª Sr.ª D. Regina Evangelista de Oliveira, virtuosa esposa do sr. Alberto Solheiro de Oliveira. Boas-vindas.

Também estiveram na mesma vivenda o sr. José Mata, importante capitalista no Brasil, sua Ex.ª Esposa, sr.ª D. Maria Irene de Araújo da Cunha Gonçalves Mata, e seu irmão sr. dr. Gervásio da Cunha Gonçalves, distinto médico-cirurgião em Petrópolis, Rio de Janeiro, o qual veio integrado à embaixada de médicos brasileiros que ao nosso País vieram às "Jornadas Médicas Luso-Brasileiras de 1956".

O sr. dr. Gervásio, que é homónimo de seu tio-avô, o mimoso poeta que em vida se chamava Gervásio de Araújo, nasceu em Melgaço e aqui estudou as primeiras letras, tendo feito o curso do Liceu no Porto, partindo posteriormente para o Brasil, onde se formou em medicina cirúrgica. Tanto ele como sua Ex.ª irmã, sr.ª D. Maria Irene, são filhos de Bernardo José Gonçalves da Cunha, já falecido, e de sua esposa sr.ª D. Ludovina de Araújo Gonçalves da Cunha, actualmente residente no Brasil; netos do falecido farmacêutico Domingos Ferreira de Araújo e de D. Amália Correia dos Santos Araújo, sua esposa, e sobrinhos do importante proprietário e capitalista da Vila de Melgaço sr. Manuel Gonçalves da Cunha.

Chegado de Lisboa, está na Corredoura o sr. Nemesio do Nascimento Marques.

Teve alta do Hospital a sr.ª Otília de Guimarães Lima Reis. — (C.).

Da Viia

(Continuação da 2.ª página)

— Mas, afinal — dirá agora o prezado leitor — os falsos mendigos não desapareceram do nosso meio, pois, para mal dos nossos pecados, essa fauna indesejável continua a vir aquecer-se al hermoso sol melgacense...

E' verdade, é infelizmente verdade! Simplesmente... os métodos e disfarces que ora usam são outros... Fazem-se passar por amoladores, guardassoieiros, deita-gatos, funileiros-à-porta e outras malas-artes com as quais enchem a sua verdadeira actividade — a pedincha profissional.

Mas, seja como for — ora *pro nobis* — o leitor tem toda a razão; pois, infelizmente, os falsos mendigos ainda não deixaram de explorar a caridade dos melgacenses.

Culpa de quem?...

Deixamos a resposta ao são critério do leitor que por ventura ler estas linhas.

N. do A. — Entre as linhas 13 e 17, da nossa última crónica — Os Clamores — escreveramos certo período com tanta falta de atenção que soava a falso como Judas, o traidor; mas, não passou despercebido à perspicácia do sr. Redactor que o "matou" — e muito bem. Dámo-lo agora, devidamente corrigido.

... dá a portaria de 28 de Maio de 1910, pela qual o saudoso Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha os suprimiu pura e simplesmente; porém, a título excepcional, autorizou a que os de Melgaço continuassem a efectuar-se, o que deixa adivinhar não existirem entre nós as causas que o levaram a promulgar a falada portaria.

Assim, e só assim, é que está certo.

A carne, nua, crua e... cara — Vimos por aí a nova tabela do preço da carne de vaca e de vitela, de cujo confronto, com a de Março de 1953, que juridicamente estava em vigor, se verifica um aumentozito de cerca de 4\$00 em quilo na carne propriamente dita; mas, em compensação, os ossos baixaram \$40.

E', pois, a seguinte a nova tabela de preços da carne de vaca e de vitela, por quilo:

Vaca — lombo, 25\$00; 1.ª categoria: vazio, jarrete, rabadão, posta-falsa, perna, cernelha, fundo e cheio, lico e capão da pá, sem osso, 24\$00; 2.ª categoria: folha e restos da pá, nispos, capa da cernelha, sobre-peito, cachão, óculo, fralda, peito e rabo, sem osso, 16\$00, idem, idem, com osso 12\$40; língua limpa, 24\$00; rim limpo, 16\$00; sebo, 5\$00, e ossos 1\$60.

Vitela — perna, pá do meio, folha, bico e capão da pá, sem osso, 26\$40; costeletas, 20\$40; restos da pá, fundo, nispos, peito, fralda, cachão e rabo, sem osso, 19\$60; idem, idem, com osso, 15\$20; rim limpo, 20\$00; rilada e gorduras, 5\$00, e ossos 2\$00.

Estes, pois, os novos preços de venda da carne de vaca e de vitela. A dificuldade, porém, está em saber que cousas serão aquelas: rabadões, cernelhas, bicos, nispos, óculos, fraldas, etc., etc. Quem há por aí que saiba isto? ... — Quere-nos parecer que nem os próprios magarefes...

No nosso tempo, a nomenclatura de um bovídulo adulto para talho cantava-se assim: — Alcatra, assem-coberto, assem-descoberto, aba descarregada, badana, cachão, costela-coberta, costela-descoberta, chá de fora, chambão, faceira, ganso, lombo, maçã do peito, mão, pojadouro, pontinha, presilha, rabo e rabadilha. Termos oficializados...

Legião Portuguesa — Para tomar parte na grandiosa parada das forças legionárias que amanhã, em comemoração do 30.º aniversário da Revolução Nacional, se há-de realizar no Porto, seguiram para esta cidade quinze legionários do núcleo deste concelho.

Obito — Com 84 anos de idade, faleceu, no pretérito dia 22, na casa de sua residência, sita à Rua Direita desta Vila, a s.ra Belmira dos Prazeres Pires, viúva de José Maria Alves (Zinona) e filha de José Joaquim Pires e de Florinda Vitória Lourenço, que entre nós gosava da geral estima e simpatia.

A toda a família enlutada, nomeadamente a sua filha, apresentamos sentidos pésames.

Enfermaria-Abriço para tuberculosos — Acabam de chegar a esta Vila as Irmãs da Divina Providência e da Sagrada Família (uma congregação em experiência e de fundação diocesana) a fim de tomarem conta da Enfermaria-Abriço de Eiró, cuja inauguração está prevista para o dia 31 do corrente, festa do Corpo de Deus, esperando-se que sejam admitidos já nesse mesmo dia, os primeiros doentes.

A Braga — Se o número de inseritos o justificar, deve sair daqui, amanhã, uma camioneta com forasteiros que

Chaviães, 25,

Inauguração do nosso Edifício Escolar — Pelas 17 horas de ontem foi inaugurado oficialmente o nosso edifício escolar.

Passamos desde já a possuir um magnífico estabelecimento de ensino para ambos os sexos com todas as comodidades necessárias para os senhores professores e alunos. Magnificamente situado amplo e confortável e ainda com um vasto e bem delineado recinto para o bom recreio das crianças. Depois de o nosso rev.mo pároco proceder à bênção do edificio, seguiu-se uma sessão num dos salões do referido edificio, onde discursaram vários oradores que foram muito aplaudidos e deram-se muitos vivas ao Ex.mo Presidente do Conselho, ao nosso governo e às autoridades municipais, a quem este bom povo agradece este grande melhoramento. Presidiu a estas brilhantes cerimónias o sr. professor Queiroz (em substituição do sr. presidente da Câmara por este se encontrar doente), ladeado pelo sr. delegado Escolar, subdelegado de saúde, e nosso rev.mo pároco, e rev.mo pároco da nossa vila e senhores professores locais. A assistência foi numerosa e percorrendo todo o edificio ficaram todos satisfeitos.

Mês de Maio: Mês de Maria — Vai decorrendo na nossa igreja paroquial com regular assistência de fiéis esta santa e tradicional devoção a nossa Senhora. O nosso rev.mo pároco vai dando todos os dias explicações utilíssimas a propósito das santas virtudes da Mãe de Deus. E' às vinte e uma horas portanto só não vai quem não quer porque a essa hora todos arrumam o trabalho.

Pedida: — A' nossa digna Junta pede-se que se apressem em mandar limpar a presa de Ranhadouro, e bem, assim na devida altura ponha a levada ou digo melhor a água da Candosa partilhada, afim de evitar atritos graves e prejuizos para este povo. Aproxima-se a ceifa dos centeios e a época de rega e então não se descuidem. Prestará muitos beneficios à freguesia se tiverem o máximo cuidado com estas coisas. — (C).

Paços, 25

Falecimentos — Com a idade de 84 anos faleceu no lugar de Viladraque o Sr. Manuel José Pereira. A' família enlutada enviamos os nossos pésames.

Casamento — No pretérito dia 3 realizou-se na Igreja paroquial desta freguesia o enlace matrimonial dos Srs. Arnaldo Francisco Fernandes, filho de Camilo Fernandes, e de Felisbela Vaz, com a menina Glória Augusta Pires, filha de José António Pires e de Alexandrina de Sousa. Aos noivos desejamos-lhes muitas felicidades pela vida fora.

— Em 18 e 19 do corrente mês, desabaram violentíssimas trovoadas sobre esta freguesia o que causou vários prejuizos aos lavradores, devido às grandes enxurradas, pois os caminhos ficaram intransitáveis, os campos escorregados, muros destruídos etc. etc..

— Na Igreja paroquial desta freguesia está-se procedendo ao mês de Maria que é bastante concorrido, apesar do tempo ser um bocado apertado. — C.

a Braga irão assistir às Festas Comemorativas do XXX Aniversário da Revolução Nacional.

O tempo e a agricultura — Nos dias 18 e 19 do corrente, choveu e trovejou violentamente; desde então, embora o céu se tenha mostrado cerrado de nubes, reina a paz em Varsóvia... e bom será que este *estato quo* se mantenha, pelo menos, por mais uma quinzena, pois as videiras começaram a florir e são conhecidos os efeitos da chuva nesta altura.

— As terras de lavradio vão de vencida: *sens-dessous-d-dessus*, como dizem os franceses.

— Aos interessados, lembramos que em Junho podem semear: agriões, alfices, betarraba para salada, cenouras, chicórias, couves diversas (especialmente bróculos), ervilhas (*), feijões (*), mostarda, nabos (fim de mês *), rabadetes (*), salsa, etc..

— Nas terras de lima, ainda se podem plantar batatas. — Sulfatagens, enxofrações, sachas, mondas e regas frequentes.

— Capar os melões, ceifar os centeios e semear as terras de lameiro e pravana.

— Vigiem-se as colmeias e recolham-se os enxames novos.

(* Onde não falte água para rega.

Junho florisei paraíso verdadeiro!

Uma hasta pública

(Continuação da 3.ª página)

por intermédio do seu advogado, o L.do João António de Araújo, da Casa e Quinta do Rio do Porto, requereram ao juiz de fóra dr. Leopoldo Xavier Pereira de Queiroz licença para poderem licitar nos bens penhorados — licença que lhes foi concedida, e em vista do que, em 30 de Junho, o tal António Rodrigues repetiu às praças o estafado estribilho:

— «quem quisesse lançar na caza de morada e orta do Caneiro que he de Thome esteves desta villa que viesse a elle que lhe receberia seu lanço que se havia de rematar!»

Desta vez, ouviu-se um leve murmúrio, e logo o mordomo-procurador da Confraria do Senhor, Pedro Gomes da Costa, adiantando-se, disse:

— «orenta mil reis para pagamento do proprio e custas e ciza e instrumento o custo de posse!»

O nosso António Rodrigues animou e, um tudo nada mais senhor de si, repetiu:

— «orenta mil reis Davão pela caza e horta que se houvesse quem por elles mais desse que viesse a elle que lhe receberia seu lanço que se haviam de rematar para principal custas ciza e instrumento!»

—!..

Efectivamente, tanto nesta como nas hastas seguintes o lanço de 40.000 reis, não foi nem havia de ser coberto... pelo que, em 22 de Agosto, o juiz de fóra ordenou ao porteiro do juizo que tomasse um ramo verde na mão e com ele fosse pela praça pública e nos lugares acostumados publicos adonde se costumão lançar pregões fazer as ultimas proclamações, o que ele, porteiro, fez com a cantileña acostumada, dizendo:

— «orenta mil reis davão pelos bens asima declarados para pagamento do proprio e custas ciza e instrumento se ouvesse quem por elles mais desse que viesse que lhe receberia seu lanço que se havia de rematar!»

—!..

Três vezes o juiz de fóra mandou o porteiro percorrer o itinerário do estilo, a apregoar os bens penhorados, e outras tantas o mesmo regressou ao tribunal sem outro resultado que não fosse, talvez, o de ter emborcado o seu pichel de verdasco numo ou outra taseca do percurso — que o calor era de rachar... façamos-lhe esta justiça... — pelo que, por fim, o mesmo juiz lhe ordenou saíse à praça e aí fizesse os últimos pregões. Então ele, porteiro, saiu e disse em alta e enteligivel Voz:

(Continua na 6.ª página)

A PÁGINA DO «GRILO»

António Dámaso Lopes com os seus setenta e poucos anos foi dotado pela Providência de uma espontaneidade de caricaturista, cuja apreciação dos factos se faz sempre com graça; mas sem intenção de menosprezo às pessoas, ou às causas.

Bondoso, lhano, o «Griolo» foi comentando os acontecimentos da nossa terra e dos nossos paginistas soltas, que fazem história, e que nos manifestam o ângulo gracioso com que os acontecimentos podem ser apreciados.

Tem a vez o «Griolo».

Avenida

GRI... GRI... GRI...

Ter... ter... com jertinho...
Dai outro passinho...

Diz-me o telefone que um poeta se tem esfaldado em chamar todas as musas para me dedicar uma poesia.

Bravo, amigos!

Se essa poesia, publicada ou a publicar-se, tem por fim dar-me os parabéns pelo meu aniversário natalício que breve se aproxima; só tenho a agradecer ao poeta e seus mandatários; o que desde este momento já faço; mas confesso que lhes não merecia tais atenções; se, com outro fim, a seu tempo darei a competente resposta que não prometo já por duas razões:

1.a — «A Voz de Melgaço», bem contra minha vontade, é quinzenário;

2.a — ainda não recebi a poesia. Mas, seja como for, contem com a resposta que, embora tardia, pelas razões expostas, nunca será fora de tempo nem descabida, visto ser para pessoas amigas.

Para que se não diga que sou sempre má lingua, vou hoje mudar de rumo. Não, porque veja as barbas do vizinho a arder, nem julgá-los outros que a tomo, por ter comido a bola. Isso nunca. Faço-o, porque julgo dever dar-se o seu a seu dono.

Como é sabido a nossa Editorial conseguiu do Estado a participação de 72.000.000 para melhorar a avenida da nossa vila, o que nos leva a enviar-lhe as nossas felicitações que, neste caso, são sinceras.

Se um criancinha, tendo vencido mil dificuldades, consegue dar, embaço tremendo, o primeiro passo, quem junto idela estiver diz-lhe logo, como inativo:

Ter... ter... meu anjinho!
Dá mais um passinho!

E a criancinha, na sua simplicidade, compreende que os circunstantes manifestam a sua alegria por aquele passinho dado, e no dia seguinte, ao verso: rã-deada de pessoas alegres, instrutivamente vai dando segundo, ter-

ceiro e mais, e, ao fim de alguns dias, a criança consegue andar, sem para isso ter dado grande trabalho.

Assim também a nossa Editorial, se todos principiam, com certo aborrecimento, a dizer que só por isso não valia a pena, é capaz de fazer beirinho e alorrecer-se a ponto de não vir dar segundo nem terceiro passo, voltando a reinar o sono atóxico.

O mais difícil é dar o primeiro passo, e esse foi dado com acerto, como se vê.

E aqui para nós (muito e a fez, porque ainda não ocupa as cadeiras municipais há quatro anos).

Pois então agora, logo que levantem essa verba, é pedir outra, porque, além de termos a ter um melhoramento de maior vulto, é o pão a entrar em casa do trabalhador.

E, para que não desanimem vamos-lhes daqui dizendo:

Ter... ter... com jertinho...
Dai outro passinho!

GRILO

Uma gazetilha

GRI... GRI... GRI...

Notícia extemporânea

No último número dava eu a notícia de que brevemente se realizaria em Melgaço uma recita em favor dos seus pobres. E-filto com a ideia de propaganda, mas pelo arazo com que foi publicada, não foi a tempo.

Pelo que li, foi desnecessária, visto a casa nessa altura não precisar maior lotação.

E' que já há muito se sabia que o amigo (Vasco que para estas coisas tem jeito, trazia entre mãos «COISAS DA NOSSA TERRA» para apresentar no palco, e daí, aquela enchente.

Que todo o elenco se desempenhasse cabalmente na interpretação dos papeis que lhes foram distribuídos não me causa a menor admiração, porque lá está o ditado — «*Bom mestre, bons alunos*».

Rapazes temos nós, muitos e bons. O que nos falta, como no palco se dizia, é um Homem.

Aguardemos que S. Rita, advoogada dos impossíveis, nos munde para aqui algum de jeito, para chefe.

Pessoa amigo enviava-me o número do «Notícias de Melgaço» que publica uma interessante gazetilha, certamente para ver as minhas apreciações: tem razão em tudo o que diz, e é pena que o seu autor não dê um passeio pelas aldeias que então é que havia de ser «o hó e o bonito» como diz o 31.

Em fins de Agosto fui a S.



O «GRILO»

Gregório assistir à festa em honra de S. Bárbara, e vi mesmo à beira da capela água escura e pouco recomendável que, saindo dum quintal, seguia pela valceta da estrada, chegando junto do coreto onde to-ava la orquestra espanhola. Quando assim tera naquela época, o que não será no restante do ano?

Na mesma localidade, à porta duma estalagem há um tanque onde se deita bacalhau a demarilhar, e, por vezes o tanque é aberto, espalhando tabu em abundância para quem ali passa àquela hora. Mas esse estado de coisas já é mais velho do que eu, pois não vêem que há longo tempo já alguém pedia para Melgaço chuva de pólvora durante 3 dias e no fim um raio?

Continue o FA LJ a gazetilha, que, embora saibamos que o nosso cantar pouco adianta; ao menos ficamos a consolação de mostrar que não es anos de recordom o marasmo que por aí se vê.

No mesmo número alguém se queixa de que para Melgaço não venham comparticipações.

Como querem que Lisboa mande avul a las e frequen e: compar-ticipações, e uma já foi autorizada para a estrada de Paços, e Melgaço não a quis?

Contentem-se com o que há; e Te Deum laudamus...

GRILO

Uma questão de há anos...

GRI... GRI... GRI...

Depois de ler a «Voz de Melgaço» de 15-6-51 procurei e continuei ler o «Notícias de Melgaço» de 3 de Junho do mesmo ano. Com que prazer o fiz.

Mal pensa o Sr. Pedroso de Lima o prazer que senti, e que veio encher-me de esperança de melhores dias para a nossa terra; motivo, pois, de grande satisfação.

E' assim que eu gosto de ver os homens.

Que adiantaríamos nós em estar daqui a atirar balas de papel a uma pessoa de sangue morto; isto é, que não sentisse as picas

delinhas por nós idadas?

Seria o mesmo que atirar balas a um cadáver, e daí só resultaria para nós, a perda de energias, de papel, tempo e tinta. Tudo perdido...

Ao passo que, felizmente assim tal não sucede, pois, se as nossas balas doem, é de esperar que produzam o efeito que nós temos em vista e outro não é que desperdiçamos do sono em que têm permenecido.

Vamos, vamos, que o principal está feito que é o despertar.

Pelo visto já despertaram, agora vamos ao resto.

Sabem miú o bem; pelo pouco que há, o muito há por fazer.

Vão indo como puderem; mas façam alguma coisa de jeito para nós deixarmos de atirar balas, o que esperamos, vis o elas doem, como se vê.

AGORA OUTRO ASSUNTO

Pedem a minha informação acerca do branco da minha régua para fazer as honras ao bife à moda de Melgaço, o que nesta altura do ano é um caso bicudo, mas, se o bife já está pronto, vão à garrafeira do Victorino, que não há tempo a perder. E, se quiserem deixar essa prova para o mês de Dezembro, aviseem, que de bom grado me associo, e poderemos então ver se há melhor.

GRILO

A feira do gado

GRI... GRI... GRI...

Ai, como é lindo!

Ai, como é bom

P'ra tudo ver.

Um lorinhon!

Muitos dos Ex.mos leito e gnraram certamente o que é um lorinhon, e, por isso, vamos ver se faço a descrição desse tão pequenino, mas tão útil objecto.

E' do feitio dos óculos, com a diferença, porém, de que, em vez de duas astes, por meio das quais se segura nas orelhas, é munido de um pequeno rabo, mas, por falta de posição fixa, tem o inconveniente de ampliar demasiadamente o alvo segundo a distância a que fique do fregão visual.

O lorinhon é duma precisão jantástica. Para fazerem ideia, eu lhes conto: Mo-ava no mesmo prédio que eu habitava uma velhinha que numa ocasião mesmo do camarite nariz tinha a mais um milímetro foi descobrir o nariz duma menina, afirmando ser mais comprido que o das primas que na plateia estavam na mesma fila.

Muita gente apostou que o nariz era igual ao das outras meninas, e a velhinha venceu a aposta, visto que, de facto aquele nariz tinha a mais um milímetro e décima.

Cautela; pois, com o lorinhon!

Pessoa amiga informame de

GRILO

que a Ex.ma Câmara Municipal está na disposição de mudar a feira do gado.

Muito bem. Merece os nossos aplausos, porque onde se realiza não fica bem. Mas o que não está certo é mudá-la para o campo do Caneiro, pois nesse caso teria de passar o gado de todo o concelho pelo jardim público; e, como nem todo o gado é manso; não é preciso ser profeta para ver que muitas flores, dia mais, dia menos, levariam mau caminho. Além disso, com o tempo, quem quisesse trazer qualquer cabeça de gado à feira, viria a ser obrigado a atar-lhe uma restinha à cauda.

Mudem a feira, sim, mas para a Calçada ou para os lados do Rio do Porto, que em qualquer destes lugares tem o gado fácil acesso por fora da Vila. Não estranguem o que outros têm feito!

GRILO

A entrada de Cristóval e Paço na Vila, quando da visita da Senhora de Fátima.

GRI... GRI... GRI...

Num livro intitulado «Todas da Nossa Terra» encontramos as seguintes quadras com a música adequada:

«Nas ruas da minha aldeia
Vai passando a procissão:
Tamborileiros à frente
E logo atrás o pendão.

Mordomos da confraria
Levam os anjos pela mão.
Muito grave o junz da festa
Dá ordens ao sacristão.

Procissão assim tão linda não há
A música atrás, trá lá rá tá
chim, tá chum!

Há foguetes pelo ar às dezenas
a estalar!
Zaz paz trás, zaz paz trás, zaz
paz trás

Paços e Cristóval, como das mais pedrosas do concelho (isto sem ofensas para aquelas que realmente o são), fizeram a sua entrada da seguinte forma:

Vai à frente o Sr. Doutor!
Seu tercinho vai na mão;
A seu lado mais dez homens
Caminhando e rezando vão.

Pouco atrás o nosso Abade
Outro terço vai rezando,
Ladeado pelo Pires
E também pelo Armando.

Vem o grupo das mulheres;
Mais de vinte não seriam...
Se a Silvéria chegar a tempo,
Outro terço rezariam.

E por hoje mais não diz o

GRILO

Um passeio a terras de Bragança

(Continuação da 1.ª página)

sr. Arcipreste de Melgaço P.e Carlos Vaz, sr. P.e Manuel Lourenço, Armando Solheiro, Prof. Manuel Augusto Vaz, João Hilário, D. Aida Lourenço e o sr. Manuel Lourenço. Iniciada a marcha, eis-nos com rumo a Monção. Aí paramos durante alguns momentos para entrarmos no *Chave Duro* tomar o saboroso café que lá é servido para dispormos bem a máquina estomacal para a longa viagem que nos aguardava.

E, depois deste ligeiro aperitivo continuamos viagem até à Bracara Augusta. Aqui esperavamos ter a companhia do sr. P.e António Vaz mui digno director do jornal "Diário do Minho", que não pôde acompanhar-nos por motivos alheios à sua vontade, o que muito nos entristeceu. Ocupou, então, o seu lugar o sr. António Lourenço que se encontra em Braga em estâgio dos Correios T. e Telefones. Meia hora de pausa em Braga passou-se num ápice e eis-nos, novamente em marcha porque o dia caminhava a passos rápidos para o seu término e, a distância percorrida era insignificante em relação à meta.

Passamos pelas Taipas, Guimarães e Felgueiras — como gato por cima de brasas...

Vimos a Penha de longe, claro está, rodeada de variadíssima vegetação quase toda queimada pela terrível invernada que este ano nos vitimou.

S. Torcato, à distância, mal se divisava através de densa neblina.

Apesar da chuva miudinha e enfadonha nos não largar durante este percurso o carro continuava a sua marcha sempre firme e acelerada.

Eram 6 horas da tarde quando chegamos a Amarante, a afamada região dos vinhos verdes.

Por indicação de pessoa entendida no ramo, dirigimo-nos para o Restaurante do Zé da Calçada (se não estou em erro), para aí comermos qualquer coisa, pois estava na hora da merenda. Isto de viagens, caro leitor, faz muita fome... Entramos. Era um restaurante modesto, típico e asado.

Petiscamos qualquer coisa e bebemos uns copos de vinho, não daquele que esperávamos encontrar, mas sim um vinho um tanto quanto artificializado.

Pedimos a conta e, com franqueza — foi uma exorbitância. Pagamos e... não bufamos porque não havia tempo para mais!...

Ainda subimos o Marão de dia. Foi a partir daqui que entramos em terras nitidamente transmontanas bem diferentes do nosso ridente Minho.

As casas são construídas de granito e cobertas de ardósia, materiais próprios da região, o que lhes dá um aspecto triste e sombrio. São quase todas iguais não se notando grande diferença desta para aquela na beleza e na forma, como acontece no Minho.

Só a igreja branca e altaíneira que se ergue no meio do povoado vem quebrar a monotonia deste quadro.

Passamos as voltinhas do Marão que eram mais de mil e uma... e paramos junto à Pousada para contemplarmos a soberba paisagem que daí se avista.

(Continua)

Rouças, Maio de 1956.

Prof. Romano Lobato

Noticiário de Fiães

Estrada Florestal — Pelo Ex.^{mo} Senhor Engenheiro Machado, Chefe da Circunscrição do Norte, com sede no Porto, foi-nos dito que para o ano de 1958, teríamos a estrada florestal no Convento. Alegria-nos a notícia e praza a Deus que assim seja.

Casamentos — Consorciaram-se Aurélio Augusto Domingues, de Pousafoles, com Maria da Conceição Sérvio, de Soutomendo e Manuel do Nascimento Martins, de Soutomendo com Aurora de Jesus Rodrigues, da Balsada. Aos noivos que são ornados das melhores virtudes, desejamos um lar muito feliz e cheio de bênçãos do Senhor.

Tempo — Nestes últimos dias tem-se feito sentir muito frio, tendo o barómetro baixado a 5 graus, o que ocasiona mal à agricultura e à saúde das pessoas. — C.

Uma hasta pública

(Continuação da 4.ª página)

— «carenta mil reis davão pelos bens acima declarados do rco executado Thome esteves, se ouvesse quem por elles mais desse que viesse a elle ihe receberia seu lanço que se havião de rematar»!

—!!...

— «doulhe doulhe huna (!) doulhe duas (!) doulhe tres (!) doulhe quatro (!) doulhe outra mais pequenina (!...) — nesta Praça o rematto pois que mas não acho quem dê mais!»

E entregou o ramo ao arre-matantes, Pedro Gomes da Costa dizendo-lhe:

— Que bom proveito lhe façal...

Era, pois um facto consumado. Tomé Esteves estava sem a casinha e sem o hortejo do Ca-neiro. Mas... também... francamente... não sabia ele que cont- são contas e que, tarde ou cedo, duma ou de outra maneira, bom grado mau grado, sempre é preciso pagá-las...?

* * *

Passaram-se dias. Em 12 de Setembro do dito ano de 1735, o escrivão do juizo, o alcaide do mesmo, agora Manuel da Silva, o juiz da Contraria do Senhor, rev. António de Abreu Magalhães, e mais oficiais, etc., foram à rua de Bojos e ali entrando nella (casa) sahindo avindo do cefando portas egenellas, e fazendo todos os demais atos necessarios tudo a vista e cem contradicção de pessoa alguma dearam posse da casa aos officiais da referida Confraria, passando, segundamente ao Caneiro, o onde entrando nella (horta) o sobre-dito reverendo padre aviado por-tais e portas etc., o resto foi para a pança dos ratos... mas é licito supor-se que posse lhes foi igualmente dada.

Mário

Castro Laboreiro, 18

Obras — Encontra-se entre nós o há muito esperado Sr. Amorim "Calceiteiro" para concluir as obras de calceamento do Eirado.

— A Sr.a Umbelina Carraça mandou demolir a sua casa sita no Eirado e que era uma nódoa negra no alindado largo.

Agora no mesmo local está a construir-se um prédio "tipo Challet" com o que todos muito folgamos.

Agricultura — Os trabalhos agrícolas, da plantação das [pq] op seu ov opiaep sopzeupe queisueq opisq 'seveiq nos haver "mimoseado" com chuvas frigidísimas e duas grandes nevadas que fizeram baixar o termómetro a 2 graus negativos, tornando impossível a preparação dos terrenos e transporte de adubos.

Recomeçaram os trabalhos na estrada Melgaço — Castro, no troço de Lamas — Portelinha.

Que a obra ficará em condições disso não duvidamos, pois outra coisa não é de esperar do Digno encarregado dos serviços, sr. Cabral.

Desastre — Quando se encontrava a trabalhar na estrada Melgaço — Castro foi vítima de desastre na recta de Lamas, o encarregado Sr. Manuel Cabral, o qual teve de receber curativo no consultório do Sr. Dr. Sérgio Savedra, em Melgaço.

Ao Sr. Cabral que apresenta ferimentos nas pernas, mãos, olhos e cara deseja-lhe rápidas melhoras o — (C).

Luis Manteiga

(Continuação da 1.ª página)

às borlas do caixão: no 1.º turno (turno de família), os srs. Américo Rodrigues, António Silva; Armando Gonçalves Rodrigues; Armando Monteiro, João Gil da Costa e José Monteiro; o 2.º turno foi constituído pelos srs. dr. Albino José da Silva, Alvaro de Melo, António Ribeiro, dr. Ave-lino Pereira de Carvalho, dr. Francisco T. de Faria e João Bastos; o 3.º pelos srs. Abílio Ribeiro, Fernando Rodrigues de Sá, Ismael Pereira de Matos, Joaquim da Conceição Teixeira, Júlio Rodrigues de Sá e Manuel Gonçalves de Macedo; o 4.º, pelos srs. Alvarino Queirós, António Abreu, Constantino Magno, Danilo Araújo, Francisco Queiróga e José Dias.

A chave da urna foi confiada ao distinto médico portuense, dr. Cândido Gil da Costa, que fez entrega da mesma, no segundo turno, ao sr., eng. Armando Ro-

drigues, genro do pranteado morto.

No terceiro e último turno a chave esteve nas mãos do primo José Monteiro.

Junto de sua filha Maria Luisa e do seu genro, eng. Armando Rodrigues quis dormir o último sono o querido Luis Monteiro, que não bem soube servir este conce-lho, está nossa terra.

Honesto, sério, leal, Luis Monteiro, desceu coberto pela sombra da morte, ao túmulo, e a acompanhá-lo, o respeito colectivo da gente da terra que o conheceu só na doença e na morte, e com as saudades dos parentes, que do P-oso e de Lisboa se deslocaram a Braga e ao Porto, para lhe assistir aos últimos momentos, e do humilde autor destas linhas, sem representação alguma que não fosse aquela que a gratidão de uma terra confere por si, sem a vontade dos homens a quem estiver presen-te nestas horas.

JULIO VAZ

Agradecimento

A família de D. Sérgio Anguano Magalhães, na possibilidade de qualquer falta involuntária, por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam e lhe manifestaram o seu pesar e condolências.

AGENTE

Para Braga e arredores, que tenha já outros artigos ou com tempo disponível para visitar fábricas e oficinas metalúrgicas, etc., precisa-se para trabalhar com o ramo de limas e replicagem das mesmas.

Escusado será responder quem não estiver nas condições indicadas.

Dirigir a Duarte Feteira, Lda — VIEIRA DE LEJRIA.

S. Paio, 21

Realiza-se, hoje, a festividade em honra de Santa Rita de Cácia, tendo esta freguesia enviado uma luzida representação.

— Depois de algum tempo retida no leito, faleceu, em 3 do corrente, a sr.a Joaquina Rodrigues, viúva, de Real. Aos seus sobrinhos e restante família apresentamos condolências.

— Por transitarem ilegalmente em velocípedes, foram atuados Armando Lourenço e José Augusto Gonçalves.

A mesma G.N.R., devia dar umas voltas pelos montados desta freguesia para reprimir a onda de malfeteiros que assola as árvores e tojos das propriedades particulares. Esperamos, pois, que o digníssimo comandante do Posto assim o ordene. — (C).

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Presidência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XI

Melgaço 15 de Junho de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N. 121

Dois melgacenses mortos PELA GUARDA CIVIL quando atravessavam a fronteira para a França

A agência Aní transmitiu-nos a seguinte infausta notícia:

MADRID, 7 — Dois trabalhadores portugueses que pretendiam atravessar a fronteira para entrar na França como emigrantes clandestinos foram mortos pela Guarda Civil espanhola.

Anuncia-se que os dois mortos faziam parte de um grupo de doze espanhóis e portugueses, que seguiam em dois automóveis, de matrícula portuguesa.

Os carros foram assinalados perto da pequena povoação de Tortella, na estrada que de Figueras conduz à fronteira Francesa, dirigindo-se para a cidade de Besalu. Iam a atravessar um vale, entre os dois países, quando

a Guarda os descobriu e fez fogo. O grupo que tentava atravessar a fronteira tinha ainda mais três elementos, que se entregaram quando viram os companheiros caídos por terra.

Depois dos guardas espanhóis da fronteira terem feito fogo, um dos carros, perfurado pelas balas, parou. Dentro, estavam dois homens já mortos e dois feridos.

Os dois mortos são: José Diogo Fernandes e Evaristo Fernandes, ambos de Melgaço, cujos corpos estão no cemitério de Girona.

No hospital de Girona encontram-se internados: Francisco Fernandes (Domingues), nascido em 10 de Junho de 1928; António Abreu Gonçalves, nascido em 21 de Setembro de 1933; e José

Abreu Barreiros, nascido em 8 de Agosto de 1931, todos de Melgaço, encontrando-se este último em estado grave.

Na prisão desta cidade estão detidos: José Augusto Afonso Domingues, nascido em 2 de Novembro de 1949; Eduardo Bastoso, nascido em 2 de Novembro de 1924; e Franklin Lopes Rodrigues, nascido em 28 de Fevereiro de 1927, todos de Melgaço; João Gonçalves Oliveira, nascido em 8 de Agosto de 1922, da Póvoa de Lanhoso, dono de um dos carros; José Rodrigues Antunes, de 26 anos, natural de Abers, dono e condutor do outro carro; e Augusto Vilarinho, de Malsena; nascido em 31 de Dezembro de 1912.

Os dois automóveis foram confiscados pela Guarda Civil.

Os três feridos e os seis presos serão julgados no tribunal militar de Girona, em data a fixar pelo governo militar.

Parece que um dos carros que haviam transportado os portugueses chegou a ser perfurado pelas balas, embora se encontrassem, no momento do tiroteio, longe

(Continua na 6.ª pág.)

Um passeio a terras de Bragança

II

Estávamos no cimo duma das mais altas serras de Portugal — o Marão.



OS NOIVOS E SEUS CONVIDADOS

E' deveras interessante observar dali o desaparecimento do Astro-Rei nas orlas do horizonte. E que grandes e ricos panoramas daí se surpreendem!...

(Continua na 5.ª página)

UMA OBRA!

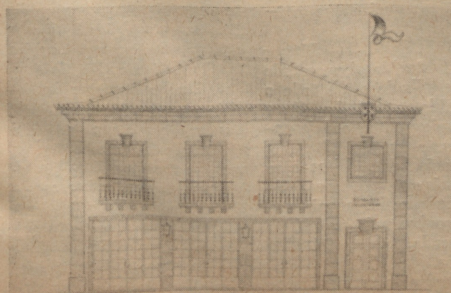
Começaram já os trabalhos preliminares para a construção da nova casa dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

A primeira fase estará terminada no próximo mês de Março e nessa altura já estará construída a Casa com algumas dependências.

O empreiteiro é um homem sério, honesto, trabalhador, a quem Melgaço estima pelas muitas obras que já lhe confiou: a Câmara, S. Rita, o edifício dos Correios, etc., o nosso amigo, Senhor Manuel Baptista, de Vila Nova de Cerveira.

A obra, altamente necessária e benemérita, terá a comparticipação de 40% do Estado, 94.000\$00, pelo Ministério das Obras Públicas e custará na sua primeira fase, 236.407\$50.

(Continua na 5.ª página)



EDIFÍCIO EM CONSTRUÇÃO DOS B.V. DE MELGAÇO

Presidente da Junta de Emigração

Esteve, em Melgaço, a fim de estudar o problema dos emigrantes de Melgaço, o Sr. Coronel Baptista, digno Presidente da Junta de Emigração, que era acompanhado de um inspector.

Acompanhou-os neste estudo o nosso prezado amigo, Armando Solheiro.

Mas isto vai

No «Jornal de Notícias» de 2 do corrente, lemos: «No capítulo referente a estradas, está em conclusão o ramal de Mezio a Soajo...»

E mais adiante: Registamos a seguir a principal aspiração de momento que preocupa o Município: a abertura da estrada Mezio-Peneda... São informações prestadas pelo sr. Presidente da Câmara dos Arcos àquele jornal.

* * *

A Câmara, o Presidente da Câmara de Melgaço que fosse o Condestável desta grande batalha da nossa terra, a ligação de Melgaço aos Arcos por essas duas estradas pelo menos, Peneda e Sisto — seria um grande benemérito! E já não falta muito!

Vamos a isto?

Também sabemos que alguém com positiva influência aqui no Norte, projecta a construção de uma ponte no Peso a ligar com Arbo — Como Melgaço progride!

Carta dos Açores

Ao Párcio de Parada do Monte com um abraço — Porque este ano me foi possível assistir, gostosamente, a uma festa que a maioria dos continentais desconhece, da mesma, vou fazer um resumo. Não me move ao fazê-lo qualquer intuito literário para merecer análise, mas somente, dar uma ideia verdadeira duma festa que aí no continente poderia ex-filicir ao lado das maiores...

Ponte Delgada, vestiu-se de gala para celebrar pomposamente nos dias 5, 6 e 7 de Maio, a festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a maior da ilha de S. Miguel, a maior do arquipélago e de tanto valor que é vivida religiosamente em qualquer parte onde se encontrem filhos desta terra.

Vieram açoreanos do Continente, da América, da Madeira, e das outras ilhas, pois a todos prende uma saudade ou simples lembrança do «Santo Cristo» que, desde sempre, aprenderam a adorar. Este «Santo Cristo» não é pregado à Cruz como mundialmente se conhece, mas, uma imagem bonita, não menos significativa, com os pulsos atados (uma das passagens da Sua vida) segurando uma das mãos o cepto da Sua realeza. Cobre-lhe os ombros, um manto de púrpura bordado a ouro, esse ouro que é testemunho verdadeiro das muitas graças concedidas.

A cidade vestiu-se de gala; di-

(Continua na 2.ª página)

Da Vila

Junho, 10.

COISAS QUE DESAPARECEM...

VIII

AS FEIRAS FRANCAS DA ASCENÇÃO

Lançadas e iniciadas, em 1916, por um devotado grupo de comerciantes e industriais melgacenses — de que faziam parte, em representação do comércio, Fedrico Augusto dos Santos Lima, Francisco Pires, António Joaquim Esteves, Aurélio de Araújo Azevedo, António Luís Fernandes, António Gonçalves de Matos, José Cândido Lopes e Francisco de Sousa Cardoso; e, em representação da indústria, Manuel da Silva Almeida, João Baptista Reis, Gabriel Serafim, Ilídio de Sousa, Francisco Augusto Igrejas e Francisco de Jesus Vaz, todos, com excepção dos srs. Francisco de Sousa Cardoso e Francisco Augusto Igrejas, já no mundo da verdade — as muito notórias Feiras Francas da Ascensão, cujo objectivo era o de "...criar novas iniciativas tendentes a desenvolver o comércio, a agricultura e ainda a indústria, fontes primordiais de riqueza nacional..." — como se lê em o n.º 187 do "Correio de Melgaço", de 20 de Fevereiro daquele ano — haviam de ter a efémera duração das rosas de Malherbe, pois a última tocou o seu fim, salvo erro, em 1922 ou 1923.

Naquele tempo... eramos ainda muito rapaz, mas, apesar disso, lembrámo-nos tão bem do fausto, brilho e concurso destas famosas feiras como se o seu ocaso se tivesse dado ontem. Que fulgor e que successo os destes saudosíssimos certames!...

O leitor, que as não viveu, imagine uma das feiras descritas em a nossa crónica de 25 de Abril p. p. — As Feiras — tenha o cuidado de lhe aumentar consideravelmente o número de forasteiros, e não esqueça de engalanar toda a Vila com bandeiras, galhardetes e outras ornamentações. Feito isto, escute agora o Cypriano a saltar da gaita de *su paiz* "malagucenas" e "muñeras" à discrição; veja os "gigantones e cabezudos" nas suas danças patúscas e foliões para gáudio de meudos e... graudos; aprecie duas bandas de música, na Praça da República, cara-a-cara, cada qual em seu palanque, a desfilar, em despique, o seu repertório, e vá observando os comentários que os melomaniacos circunstantes — pseudo entendidos da sublime arte... — vão tecendo em louvor ou desprimor das bandas em rivalidade; ouça o contínuo estrear de foguetes a animar mais o já animado ambiente; assista à larga distribuição de prémios pecuniários conferidos aos expositores que apresentaram os melhores exemplares de gado bovino, cavalari, suíno, etc., etc., imagine, sim, tudo isto, e outras mais notas típicas e pitorescas, e terá assim uma ideia do que eram e como eram as famosas Feiras Francas da Ascensão — feiras integradas nas festas da Ascensão do Senhor, que então duravam três dias e eram festas concelhias.

Chegados aqui, é justo dizer-se que para o bom êxito destas festas e feiras francas a Câmara nem sempre se mostrou choramingas na concessão do respectivo subsídio; pois, para exemplo, basta saber que no falado ano de 1916, concorrerem com a avultada quantia de 100\$00, importância ora equivalente a uns 1.330\$00, se tomarmos como padrão o bacalhau que ao tempo, do bom, custava apenas 1\$20 o quilo. Ainda era *fiel amigo*... que hoje...

Mas, em resumo, que magnificência e que animação! Aquilo é que eram Feiras... aquilo é que eram Festas!...

Sim, não o duvides leitor que se a nossa voz te parece suspeita, ouve a do coevo cronista dizer:

"FEIRAS FRANCAS

Começam na terça-feira as festas e feiras francas da Ascensão que prometem um brilhantismo extraordinário, avaliando pela azafama que nesta vila se nota, apesar de haver certas desinteligências porque uns querem a música às suas portas, outros... "o coreto não fica bem aqui, aquele pau não está bem alinhado ou impede a passagem da minha porta; não simpatizo muito com a cor desta ou daquela bandeira; (o de Arganil) vocês disto não percebem nada, e por aí fora.

O certo é que não vai o tempo só em discussões as quais tendem sempre a por luz no caso (quantas vezes põe tudo às escuras como Paris e Londres em tempos de guerra) pois já se veem as ruas embandeiradas e os coretos colocados em la plaza mayor.

O rapazião presta um excelente serviço na condução de bandeiras e mais troféus da decisiva batalha.

Tudo concorre com uma grande parcela de esforço para os brilhantes festejos.

A Melgaço, pois!" — ("Correio de Melgaço", n.º 201, de 28 de Maio de 1916).

Concluindo. Então, os melgacenses sabiam divertir-se. Agora... até parece que tudo e todos estamos profunda-

(Continua na 5.ª página)

CARTA DOS AÇORES

(Continuação da 1.ª página)

ziza eu, porque se enfeitaram janelas; se iluminaram árvores; ruas; arcos, etc. A fachada principal da igreja da Esperança, (de Santo Cristo) maravilhava de dia ou de noite quem a via. A arte, aliada ao bom gosto, mostrou aqui a inspiração dos açorianos. Maravilhoso!

No sábado teve lugar a procissão da «Mudança», que consiste em levar a Imagem, do Consinto onde se encontra permanentemente, para a citada igreja que fica anexa. Esta, fechada praticamente todo o ano, nestes dias, abre as suas portas tão pequenas para tanta gente...

O domingo tal como o sábado, apareceram radiante de sol, o que nem sempre acontece por estas paragens. O sol nesta festa, é a continuação do «milagre» quando teve início a primeira procissão. Eis um pouco de história:

Segundo uma visão da Madre

Teresa da Anunciada, (não pude colher mais dados desta) para que se conduzisse triunfalmente através das ruas da cidade, e entrasse em todas as igrejas a veneranda Imagem, a primeira procissão foi organizada. Diz-nos sobre isto o padre José Clemente, presbítero do Oratório de S. Filipe de Néri:

«Como nos dias antecedentes e ainda na véspera da festa houvesse tão grande tempestade de água e vento, observando agora que as nuvens prometiam chuva, eram quase todos do parecer que não saísse a procissão. Era, contudo, de contrária opinião a serva de Deus, segurando a todos da parte do Senhor que ao sair a procissão apareceria o céu sereno e claro e que no tempo da procissão não cairia uma gota de água. Assim aconteceu. Terminada a procissão voltou de novo a chover torrencialmente».

Teve assim lugar a primeira procissão, em 1700, e desde então, não mais deixou de se realizar até aos nossos dias.

Chaviões, 10

RIQUEZA QUE TEMOS PERDIDA! — E continuamos a perdê-la pelo nosso desmazelo, falta de cuidado com as coisas que nos estão confiadas e ainda com a falta de energia para castigar os que erram. A nossa igreja tem como pertença, desde há muitos anos, entre outras propriedades o monte chamado dos Cotos de Riba, também conhecido por Monte de S. Bárbara. Acontece que se fosse bem administrado podia ter dado muito rendimento para a nossa igreja que muita falta lhe tem feito.

Com uma área aproximada de oitenta mil metros quadrados e bom terreno para pinhal e outras árvores, pois podia ali ter mil, ou mais pés, que a duzentos escudos cada um pelo menos e ainda de parte a rezina e o mato que podia produzir também vendido, era uma riqueza.

Assim quase abandonado o que rende... Uns escassos centos de escudos de três em três anos, proveniente de algum mato e deste só os carcoços, pois os gados comem a maior parte.

A vedação só no verão não dá o resultado preciso, porque no inverno os gados, especialmente as cabras e ovelhas, destroem tudo, e é esta a razão do referido monte não estar povoado e arborizado. É indispensável a vedação completa durante alguns anos, a fim das pequeninas árvores que vem nascendo poderem singrar acatneladas dos dentes desses animais.

As pessoas que utilizam esse monte para alimentar os seus gados voltam-se para o monte de Cótaro ou Monte Alto que fica a trezentos metros desses povoados, pois estão as freguesias vizinhas a utilizá-los para os seus gados em prejuízo nosso.

E' também conveniente estudar uma forma de vigilância, porque os ladrilhos à medida que as árvores vão crescendo vão os roubando.

Ajudemos pois o nosso rev. pároco e comissão Fabricqueira. Por eles sós, pouco ou nada poderão fazer. Fomentemos pois esta riqueza.

A NOSSA ESTRADA — Já começam a aparecer por aqui alguns buracos pelo seu piso, principalmente pelos locais mais íngremes, resultantes das chuvas torrenciais que tem caído ultimamente; creio que estas importantes coisas não vão passando despercebidas a quem de direito, a fim de lhes dar o competente remédio. Deus queira que assim seja.

SANTUÁRIO DO SENHOR DO SOCORRO — Já por mais de uma vez fizemos referência neste jornal ao estado lastimoso em que se encontra. O seu telhado e até todo o edifício em grande parte, já destruído, e a telha, ficou em pedaços. Fazem-se festas de grande pompa e deixam-se arruinar os Santuários. E' isto torto ou não é?

E' preciso que apareça um ou mais beneméritos e se formem em comissão, a fim de angariar a verba necessária, para a sua construção. A continuar assim a ruir aos pedaços e para nós uma grande vergonha, pois agora, no verão, em virtude de já termos a estrada, somos visitados constantemente por muitos forasteiros.

Fica aqui lançado o meu apelo e ofereço os meus modestos préstimos para aquilo que faça falta. — (C.).

Duzentos e cinquenta e seis anos que tem justificado através de todos os tempos a realeza da... aquele que foi Jesus Homem e Senhor.

Essa procissão percorre agora algumas ruas da cidade, durante cerca de quatro horas. Descrever o que ela é, e foi este ano, seria roubar espaço de que não dispo-

nho. Pela primeira vez na sua história, teve este ano a presença ilustre do representante em Lisboa de Sua S. Pio XII, Mons. Fernando Cotto. Tomaram parte na mesma, representações militares, civis e religiosas de todo o distrito. Dezenas se não centenas de homens, em duas filas; abriam a procissão empunhando velas dos seus tamanhos. Meninas graciosamente «figuradas». Ruas tapetadas de folhas verdes e flores. Treze (13) bandas de música vindas de toda a ilha, recebendo... algumas como dádiva um pequeno «beberete», tocam durante o percurso e depois nos arraiais. Centenas de senhoras novas, idosas; ricas e pobres, caminham lado a lado numa mesma conulhão de sentimentos: Em Cristo, com Cristo e para Cristo. Trajando rigoroso luto, cobrem completamente os rostos com as mantilhas se parte delas vão descalças. Quantos pés a quem a felicidade terrena permite o maior agasalho, pisam nús o chão humildemente e sem vaidade, porque esta nada vale perante Deus.

O povo em grande número assiste em silêncio. Isto é admirável e inesquecível em toda a sua grandeza.

Quem conhecer em Lisboa a procissão da Senhora da Saúde; talvez única no género em todo o País, melhor poderá idealizar esta de S. Miguel, ainda religiosamente, mais importante que aquela...

Eis a traços muito largos o que é, como há mais de duzentos anos, — e tem razão para isso — o orgulho dos açorianos, em especial Micalenses até espalhado pelo Mundo: A festa de S. Sebastião Santo Cristo dos Milagres.

Ponte Delgada, (S. Miguel), Maio.

Carlos Alberto

SOCIETY DE ANIVERSÁRIOS

Fazem anos: — amanhã, o sr. António Barbeitos de Silva Júnior; no dia 17 a menina Aurora Elvira Alves Marças e o menino Joaquim António Pereira Rodrigues; no dia 18 a menina Maria da Conceição Bermudes; no dia 20 os srs. prof. Abílio Domingues e Alfredo Domingos; e a menina Palmira Caldas; no dia 22 o sr. José Eugénio Gonçalves Pereira Júnior; no dia 25 os srs. António Reis e Manuel Augusto Pinto; no dia 26 o sr. José Manuel Gomes Calheiros; no dia 28 o sr. Armando Passos Pereira; no dia 29 as meninas Clara de Sousa Lobato, Maria Alberta Ribeiro e Maria Fernanda Pinto da Silva, e no dia 30 a sr.ª D. Maria Joaquina Alves Soares e o sr. Armando da Mota Solheiro.

POR SANTA RITA



Formoso templo em construção, levantado a Santa Rita pelo povo de Melgaço

De ano para ano, os devotos de Santa Rita aumentam a olhos vistos. O levantamento do mosteiro, branquinho, esbelto, com sua torre direita, fina... O carreamento de mais de *duzentos contos*, vindos de toda a parte, da França, do Brasil, do Canadá, destas freguesias abençoadas que formam o nosso concelho, o ouro que se junta e se vende, as ofertas que vão do tostão pobrezinho, mas rico, aos mil escudos e dois mil escudos da gente abastada, mais parece um milagre!

Ainda não se liquidaram as contas, mas não andaremos fora da verdade, se garantirmos que este ano a festa rendeu uns 14.000\$00.

Peço-lhes que não cuidem estarmos ricos... Se souberem o que vai por aqui de contas atrasadas!

— Não o digam a ninguém... Mas ainda não pagamos ao mestre Baptista os DEZASSETTE CONTOS E PICO que nos pediu, nem as madeiras... São assuntos que devemos de resolver com o auxílio de Santa Rita e dos nossos Amigos. Desta vez, ainda não iremos para a cadeia.

Não falemos hoje de coisas tristes...
— Mas olhem que a festa esteve muito linda, acreditam.

Aquela novena, cheinha, o mosteiro quase repleto, com devotos a pão e água, e aquelas voltas de joelhos por sobre pedras duras, aquelas promessas tão fielmente executadas de romaria "sem fala", que bonito!

DOMINGO

Domingo, 20, já foi uma autêntica festa. De manhã, a santa missa e sermão. De tarde, procissão com terço cantado. A gente que ali ia, homens, mulheres, crianças, mocidade, de todos os lados, até de Castro Laboreiro!

O senhor P.e Justino, digno abade da vila, veio ajudar a confessar. E, já noite, fez-se no mosteiro uma hora de adoração ao Santíssimo Sacramento.

Que bem que ali se estava! — Para que havia de haver arraial? Vieram muitos fiéis. De S. Paio, também. Loviô forneceu um grande contingente. Esta boa gente de Loviô está, onde está o seu pároco. E' chamar! E' dizer, se não reparem.

E fomos para casa descansar um pouco. Na verdade, dia fora cheio.

Esquecimo-nos de dizer que durante quase toda a

Aquele dia 21 de Maio...

Uma novena formosíssima...

Muitas comunhões! -- Muita penitência!

novena, a aparelhagem sonora do nosso Amigo Reinaldes fez-se ouvir por aqui com geral agrado. Transmitiu a novena, a pregação e o terço. O povo gostou e tinha razão.

E para variar um pouco, também cá veio a aparelhagem sonora da "Casa Branquinho", de Braga. Pôde-nos manter uma manhã inteira com discos religiosos, muito lindos, o que bastamente nos agradou, por causa do serviço de confissões e comunhões no mosteiro. Manteve assim um verdadeiro clima religioso.

Mas contemos.

Na segunda-feira, dia de festa, pela manhã, logo às cinco e meia, estivámos na igreja. Celebrou-se a santa missa, fez-se a novena; houve já muitas comunhões e começamos a receber os romeiros.

Logo chegou também o Sr. P.e Justino, da vila para recomençar o serviço de confissões. E bem preciso foi.

Desde as seis horas, até perto das dez e meia, quase sempre os fiéis procuraram o tribunal da penitência, donde partiam a ofertar as suas lembranças a Santa Rita e a comungar.

E chegaram os romeiros! De joelhos, em jejum, a pé, descalços, amortalhados, enfim de todas as maneiras, que pudessem honrar a Deus, por intermédio de S. Rita! Houve várias missas pela manhã adiante.

E às 11 horas, a *missa solene*.

E' o acto mais importante de uma festa. Toda a comunidade paroquial que podia e fiéis, ali estão a prestar homenagem a Deus.

A santa missa! — Uma festa, um banquete, uma reunião com o PAL e o louvor público, solene, oficial, da terra ao Céu, a Deus! A santa missa!

Foi celebrante o rev. pároco de Fiães, Sr. P.e Manuel Lourenço, na impossibilidade do nosso rev. pároco que teve de substituir o Sr. P.e Júlio Vaz, na pregação.

A procissão foi grandiosa! — O recinto não chega para a multidão de fiéis. O respeito é grande e vá lá... houve poucos "observadores". Quase todos os romeiros seguiram com a veneranda imagem de Santa Rita. E' assim que deve ser.

E já de manhã, pudemos ouvir pelo alti-falante ofertas de 500\$00 e de mil escudos.

Fomos almoçar. O dia conservava-se calmo, mas de mau cariz. E muitos romeiros foram seguindo para suas casas, não houvesse por aí surpresas desagradáveis...

A TARDE

A Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, que aqui sobe todos os anos, começou logo e cedo a executar o seu programa.

Os homens dos Alti-falantes, foram-se chegando também. Era preciso começar cedo, porque o serviço de leitões é muito grande.

Foram precisos 3 homens. Ao mesmo tempo. E mesmo assim foi longo. Houve de tudo: carnes, destas ricas carnes de Fiães, Rouças, de muitas freguesias, oiro, feiras, brincois, carneiros, aves, etc.. Foi realmente muito. E graças a Deus!

Muitos romeiros já se tinham retirado, devido ao tempo que ameaçava. Mas outros, muitos outros vieram. Veio a gente nova. Não seria toda para rezar... Não! Que alguns, poicos, certamente nem entrariam no templo. Mas vimos também muitos rapazes e raparigas a rezar, a fazer as suas romarias. Vimo-los com penetrados do que faziam, com respeito e piedade. Graças a Deus!

E a festa ia acabar...

Olhamos uma vez mais para o local onde passará a

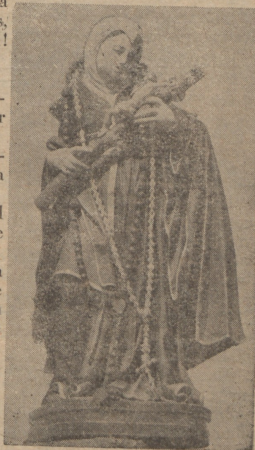
(Continua na 4.ª página)

Gente de Paderne' Castro, Penso' Couso, Gave.. Enfim, de todo o concelho...

UMA FESTA DA NOSSA TERRA

E a França? Vamos à França!

A estrada... Para o ano...



Santa Rita

Res nossos leitores

Apesar de publicarmos o presente número com seis páginas — o que nos atrasou a saída do jornal — ainda não pudemos publicar todo o original, que está na redacção. Retiramos: «Carreira dum desportista malgacense»; «Crónica de Paços» e «Gri... Gri... Gri...»

Que nos perdoem, os autores e os leitores.

Prof. Abilio Domingues

Em virtude de abandonar a nossa terra por colocação oficial em Braga é hoje homenageado, pelo professorado concelhio, o Sr. Abilio Domingues.

POR SANTA RITA

(Continuação da 3.ª página)

estrada e fizemos as despedidas, sim, as despedidas. Para o ano, será diferente. VEM AÍ A ESTRADA!

A aparelhagem sonora foi desmontada e levada a Corçães, pela última vez. Subiram ao ar os últimos foguetes, fizeram-se os pagamentos, e as dignas praças da Guarda Nacional Republicana, que tão bem actuaram aqui, regressaram à vila, depois de um dia passado junto de Santa Rita, em alegria, em paz e bem.

Apurou-se no fim, que tínhamos de sobras, 9.000\$00, que prontamente foram entregues a mestre Baptista. Graças a Deus!

Aquela hora já, todos os romeiros vindos de longe e de perto, de Penso, Alvaredo, Paços, Vila, Cevide, Cristóval, Padrenda, Castro, de todo o concelho enfim, estaria em suas casas a rezar e a lembrar as horas passadas no mosteiro de Santa Rita.

Um dia cheio! Um dia lindo!

A FRANÇA

Para o ano, se Deus quiser, faz 25 anos de sacerdote o nosso rev. pároco.

Vamos inaugurar o mosteiro e a estrada. Talvez até Fiaões. Nós temos dois amigos a quem devemos muito: os srs. Engenheiros Machado e Costa, dos Serviços Florestais!

Mas falta muito!

Do Brasil, ainda não chegou o altar de mármore. A igreja ainda tem muitas obras para fazer. Mas está resolvido! — Tem de ser, se Deus nos ajudar! Vai por isso partir para França o nosso rev. pároco, se os seus dignos Superiores lhe derem licença.

A França! — Estes belos rapazes que ali moirejam, trabalham e rezam a pensar na sua mãe, na sua esposa e filhinhos.

Todas essas comunidades de trabalho, ricas de energia, lá longe, distantes, tão portuguesas, tão melgacenses, tão amigas serão visitadas pelo nosso pároco.

E o mosteiro vai enfim ser acabado. Vai.

Deus seja louvado!

A nossa festa

Desta vez, adiantámo-nos bastante: marcamos obras e não tínhamos verba. E isto é muito grave. Perguntamos um dia a um venerando sacerdote, que trazia entre mãos a construção de uma casa para pobres, como arranjava o dinheiro para tudo, casa e alimentação. Respondeu-nos: — olhe, vejo o que faz falta, fecho os olhos e ando para diante. É uma obra de Deus. Ele se encarregará dos serviços de tesouraria.

Nós, por aqui, também vamos fazendo o mesmo... Mas desta vez são VINTE MIL ESCUDOS E PARA O FIM DO MES...

Mas temos dedicações como estas: a Senhora Filomena Freitas das Neves é cá da terra, vive em Lisboa e é pobre. Mandou-nos de uma só vez, 200\$00. De um Senhor Professor que trabalha em Monção, os primeiros 100\$00. Dizemos primeiros, que nestas coisas de Santa Rita, é começar. De um amigo de Prado, mais 20\$00. O Senhor Agostinho de Sousa, dos Pêreses, tomou a peito mandar-nos todos os anos alguma coisa. E manda. Desta vez chegaram cá 20\$00 dele e mais 20\$00 de sua filhinha, Piedade. E de um devoto dos Arcos de Valdevez que trabalha em Lisboa, 20\$00. Do Peso, chegaram-nos mais 30\$00 de um amigo que nos recordou com saudade o velho roble, inseparável amigo da velha capelinha. E o Francisco Marques, aqui dos Carvalhos, cantoneiro em Lisboa, outros 50\$00, a juntar aos que vieram antes e aqui chegam todos os anos com uma pontualidade enternecedora.

O Senhor Manuel Rodrigues, digno comerciante na Carpinteira, mas natural daqui, de Rouças, mais 20\$00 a juntar aos que já vieram primeiro. E ofereceu-nos umas leiras, para a futura Avenida. E o Sr. Professor Vitoriano, da Vila, 20\$00.

Fiquemos hoje por aqui.

Ainda não podemos publicar nesta as ofertas que subiram aqui, no dia de Santa Rita. Mas aguardemos um pouco mais.

Queremos louvar publicamente aquele gentil grupo de raparigas, da Carpinteira, que mais uma vez e já foram tantas!, nos quiseram ajudar, transportando prontamente à cabeça uma grande parte da madeira que veio de Braga.

A outros se falou, mas desta vez, houve escusas como no evangelho... os gados, as terras... — De Melgaço, veio um nutrido grupo de rapazes da catequese, numa bela tarde, e carreou a cantar mais umas boas dúzias de táboas. Os rapazes da escola de Rouças também desceram a Corçães e voaram por aqui acima com o resto da madeira. O Senhor Indalécio Rodrigues, da Vila, mandou-nos cá toda a sua gente e por duas vezes, e a madeira lá subiu toda. — E depois de tudo isto, louvemos a Deus e a Santa Rita. Como é que esta obra não havia de fazer-se?

E agora chegaram mais alguns amigos do estrangeiro, do Brasil. São amigos da 1.ª hora da 1.ª pedra e hão-de sê-lo da última.

E se os queridos leitores souberem por aí de alguém que tenha dificuldade em guardar o dinheiro, avisem. E vão-lhes lembrando este abençoado "banco".

Pois, mais uma vez e sempre: — graças a Deus!



O Sr. Joaquim Domingos lançando a 1.ª pedra

P. S. — Vindo do Brasil, chegaram à nossa terra dois grandes amigos de Santa Rita: Os Srs. José Esteve (Cabana) e Joaquim Domingos. Os nossos Cartões de «Boas Vindas»

As lições dum mestre

Há muito que assim chamamos, como portugueses e cidadãos, aos discursos do Senhor Presidente do Conselho. Seja qual for o tema versado, a matéria política e nacional, independentemente da illicação sobre os pontos em causa, ficam a perdurar conceitos, regras e indicações utilíssimas. Lidas, meditadas as suas palavras para além da objectividade do caso em foco, quanta subtilidade, quantos ensinamentos, quantos conselhos!

Senhor Arrogância, com a serenidade que lhe conhecemos, a segurança dos factos e acções, preciso, claro, magnífico nos conceitos de ataque, sem palavras, a mais ou menos, frases empoladas de comício ou torador político, constituem o prolongamento da sua vida de Professor, para além do âmbito dum sala de aula universitária, para uma preleção a nove milhões de alunos continentais, não contando os de mais longe, que igualmente portugueses são e dos bons.

Ultimamente, na clara e magnífica exposição, aliás como sempre, sobre o caso da Índia, ficamos, entre tudo, afinal, este magnífico conceito: — *Aquele que não defende o seu direito já desistiu dele a favor de quem prescreve a paz, é incontestavelmente uma*

tende tenaz-lhe. E no intimo midades.

Na realidade, se atentarmos sobre estas duas frases, vemos que dizem imenso. Não só para o grave e magno problema da nossa Índia, como de muitas e muitas outras coisas. Na vida de todos os dias: na vida profissional; a todas as horas, nas mais pequenas coisas.

Defender os direitos que nos assistem, podendo ser, devendo ser, com os elementaríssimos princípios de educação, respeito, cordura, espiritualismo, que em todas as coisas cabe.

Desistir, ou é confessar fraqueza e muito bem, não haver a tranquilidade de consciência e no fundo a confissão, a auto-confissão da dúvida da própria legitimidade. Desta, e do direito.

Como Grande Chefe dum Família que tem pergaminhos na História, que em todos os continentes vê desfaldada a bandeira da sua Pátria, onde o sol nunca se esconde, como Chefe, reptimos, aconselha-nos a não duvidar. Dá-nos personalidade, alívio, apouca o nosso espírito a seguir.

A paz, é incontestavelmente uma

bênção que Deus legou aos homens, na extensão da terra, onde para todos, vivos ou mortos, há lugar. Mas se na defesa dos direitos tivermos de a perturbar, não se pode recuar, não se deve vacilar, duvidar da razão que nos assiste, depois de devidamente ponderada, estudada, analisada.

Na última conflagração, quando a Europa se começou a subverter num mar de sangue e tragédia, impressionou-nos, comoveu-nos sinceramente na hora do colapso da França, a voz dum militar — não nos recorda se o General De Gaulle — quando os amigos do Diabo ou tergevisavam, ou os abandonavam; exclamar pela rádio, aos seus compatriotas: — «Se fomos expulsos do território continental francês, refugiar-nos-emos no ultramar, na mais pequenina ilha e de lá lutaremos até à vitória final».

Impressionante de grandeza esta humildade! Magnífica mesmo!

Conjugando-a com a lição outra vida e trazida para outro meio, que todos, na mais pequena das coisas; no mais insignificante dos direitos que nos pertença, não abandonemos a sua defesa, duvidando da legitimidade (que nos assiste. E se o tal amigo do Diabo se colocam no comodismo: que Deus sendo bom, o Diabo pode não ser mau e fazer-lhe geito, digamos-lhe que no local mais minúsculo, longe ou perto, defenderemos os nossos pontos de vista. Deixar-lhes-emos a covardia de não sabermos aparecer a tomar uma posição, digna e honesta, desassombada e própria do homem que se presa, digno deste nome. E mostra-lhes-emos que a firmeza de posições, é magnífico entrave, por vezes, para aspirações imperialistas.

Os nacionalismos excessivos levaram à anexação, à submissão dos mais fracos, ao despotismo imposto pela bota cardada, até que um dia, apareceu de frente. E da História de sempre e se-lo-á. Assim foi com Napoleão, Hitler, Mussolini e outros mais. E não se pode negar, como as virtudes evangélicas, a verdade real e positiva da História.

Amigo do Diabo, foi a Itália; vibrando uma golpe nas costas da França que parecia moribunda. Mas o punhal resvalou e numa espécie de ricochete, atingiu o próprio agressor!

Sempre os lobos, quando dessem aos povoados, encontram-se não hoje, amanhã (ou depois...) os seus homens, que os vingam das truculências praticadas.

Dr. Abel Varela e Seixas

Aniversário

No passado dia 28 passou o aniversário natalício da preadada menina Margarida Alves, do Pombar, motivo, por que foi muito cumprimentada.

DA VILA

(Continuação da 2.ª página)

mente mergulhados num pesadíssimo sono letárgico; a não ser... a não ser que estejamos mortos de pasmo.

Tenhamos vergonha! — Acordemos, ó Melgaenses!...

Procissão do Corpo de Deus e inauguração da Enfermaria-Abriço de Eiró — Com enorme assistência de fiéis e com toda a imponência litúrgica, se efectuou, aqui, no pretérito dia 31, a procissão do Corpo de Deus, solenidade há muitos anos interrompida, pelo que a sua realização despertou grande interesse.

O lusidíssimo cortejo religioso — no qual se incorporaram a Câmara Municipal, figuras de maior relevo do concelho (que pegaram ao pálio e às lanternas), deputações da Marinha, Guarda Nacional Republicana, Guarda Fiscal, Legião Portuguesa, crianças das escolas, irmandades, Banda dos Bombeiros Voluntários, etc., etc., — saiu da igreja Matriz, pelas 17,30 horas, para a capela da Enfermaria-Abriço para Tuberculosos, de Eiró, que, com este soleníssimo acto, ficou, assim, inaugurada, recebendo, então, os primeiros doentes. Proferiu um brilhante sermão o rev. Abade de Cristóval, sr. P.e Abílio Mariz de Faria, após o que dum varanda da referida Enfermaria o muito digno Arcipreste concelhio, rev. sr. P.e Carlos António Vaz, deu a bênção a toda a povoação.

Todos os balcões e janelas dos prédios situados nas ruas do percurso se apresentavam ricamente engalanados com lindas colgaduras e por toda a parte não cessava de cair copiosa chuva de flores.

Melgaço está, pois, de parabens, não só por ter ressuscitado uma antiga tradição, como também por ficar a usufruir mais um importantíssimo Estabelecimento de assistência, cujo magno alcance social não é mister encarecer.

Óbitos — Em Galvão, em casa do sr. Manuel Gonçalves, faleceu, em 26 do mês findo, a s.ra Ana Florinda Mendes, natural de Prado, viúva de José Manuel Gomes (Lobo). Sentimos.

— Acaba de chegar a esta Vila a infausta notícia de ter falecido no Brasil a s.ra D. Ludovina de Araújo Gonçalves da Cunha, de 68 anos, viúva de Bernardo José Gonçalves da Cunha; filha de Domingos Ferreira de Araújo, farmacêutico que foi desta Vila, e de D. Amália Correia dos Santos; neta-paterna de António Ferreira de Araújo e de D. Maria Rita da Costa, de Ribeira de Pena, e materna de António Correia dos Santos e de D. Maria de Sousa Viana, de Cristóval.

A toda a família enlutada, nomeadamente a seu filho sr. dr. Gervásio de Araújo Gonçalves da Cunha e a sua filha s.ra D. Maria Irene de Araújo Gonçalves da Cunha Mota, que ainda há poucos dias tivemos o prazer de ver nesta Vila, apresentamos sentidos pésames.

Feiras e Mercados — Realizou-se, ontem, nesta Vila, mais uma feira de gado, devendo a próxima ter lugar no dia 30 do corrente mês.

No mercado semanal do mesmo dia, vendeu-se: — milho a 9\$00, o meio decalitre; centeio a 11\$00, idem; feijão branco a 12, 13 e 14\$00, idem; feijão rajado a 9\$00, idem; feijão frade a 8 e 9\$00, idem; batatas a 1\$25, o quilo; cebolas a 2\$50, idem; galos, galinhas e frangos (de geito) desde 30, 25 e 15\$00, cada respectivamente; ovos a 10\$00, a dúzia, e chicharros a 2\$00, cada.

Passagem na fronteira — Pelos Decretos-Lei n.os 40619, 40621 e 40622, publicados no "Diário do Governo" de 30 de Maio último, foram abolidos todos os emolumentos e taxas que os automobilistas nacionais e estrangeiros, devidamente documentados, tinham a pagar directamente às Alfândegas e Polícia Internacional, por cada passagem na fronteira portuguesa. Não há dúvida que esta medida foi acertadíssima e dela Melgaço há-de colher benéficos resultados.

"O Café dos Caçadores" — Com este crisma, abriu, ontem, ao público, na rua do Rio do Porto, no sítio onde esteve a "Regional", um modelar e luxuoso café, dotado com todos os requisitos de higiene e conforto; o qual não só muito honra os seus dinâmicos proprietários como também a terra de Melgaço.

Trata-se, realmente, dum estabelecimento de linhas modernas e elegantes que ficaria bem em qualquer grande cidade, pelo que daqui lhe apeteçamos as melhores prosperidades.

O tempo e a agricultura — Os últimos quatro dias de Maio foram de chuva torrencial e vento desabrido, o que causou bastantes estragos, nomeadamente nos pomares. No corrente mês, muito embora no dia 5 tenha chovido copiosamente, o tempo tem-se mostrado bastante benigno.

— Nas vinhas, a polinização (purga) fez-se em condições razoáveis, pelo que, se não surgirem contratempos, sempre possíveis, a vindima será boa.

Prado, 10

PARECE UM SONHO...

Quem tem o encargo de escrever para o público os acontecimentos do dia-a-dia, evidentemente que nem sempre pode dar notícias agradáveis; porém aquela em que o solícito Correspondente de Rouças nos diz terem sido já iniciados os trabalhos da nova estrada de Santa Rita é mais que agradável — é agradabilíssimo.

Grande notícia que nos deu, presado Confrade! — Não esqueça agora — sempre que se lhe ofereça o ensejo — de nos ir pondo ao corrente do itinerário, andamento, etc., etc., de tão útil como importante e desejado melhoramento.

Também, bom será que os proprietários dos prédios atingidos pela falada artéria não ponham entraves à sua passagem, antes dando todas as facilidades, cedendo-os da melhor boa vontade, porquanto — muito embora pareça um absurdo — o campo, leira, courela, etc., que fôr encetado, servido pela estrada, fica valorizado em mais de cem por cento.

Em resumo: Rouças, Cavaleira-Alvo, Fiães, etc., etc., não aguararão o ano de *deus, mil e tal* para serem servidas por estrada...

Até parece um sonho... pois não parece?!...

A proceder ao respectivo levantamento topográfico para a construção da rede de abastecimento de água a vários lugares da freguesia, esteve aqui o sr. Armando Rosa Manos, de Monção.

No Brasil, onde se encontrava há cerca de 40 anos, faleceu, recentemente, o sr. Manuel Domingues, de 72 anos, filho de Caetano Celestino Domingues e de Joaquina Rosa Gomes, da Breia.

A toda a família enlutada, nomeadamente a seus irmãos, sr.s Alvaro e Abílio Domingues, apresentamos sentidos pésames.

— De Lisboa, onde passou uma temporada com os seus; regressou ao convívio de seus queridos tios a gentil menina Teresa da Cunha Sotto Maior Martins Moreira.

— Também aqui se encontra, chegada do Porto, a gentil menina Eduarda da Conceição Gomes, preñada filha do sr. Américo Luis Gomes. — C.

IDEM, 11

Com o nome completo de Maria Laura Mendes de Oliveira, foi, ontem, baptizada na igreja Matriz desta freguesia, uma menina, filha do sr. Lindoso Solheiro de Oliveira e de sua esposa, s.ra D. Maria Fernanda Mendes de Oliveira; tendo sido apadrinhada pela Ex.ma Sr.a D. Regina Evangelista de Oliveira e pelo Sr. Armando da Mota Solheiro, respectivamente, enxada e primo do seu pai.

Desejo a neo-cristã as maiores felicidades pela vida fora. — C.

Uma Obra!

(Continuação da 1.ª página)

Na verdade, é impossível descrever a gama de emoções que esse local privilegiado pela Natureza nos proporciona.

O projecto, por sinal bastante bonito, foi executado pelos Serviços de Urbanização de Viana e o edificio concluído realçará mais a beleza da nossa Vila.

O quartel disporá de balneário, salas de aulas técnicas e diversos gabinetes e ficará quase todo concluído nesta primeira fase.

Não precisamos de encarecer o valor desta obra. Onde há aí terra com importância, sem ela?

Que nos falta para a realizar?

Também nada.

Acreditamos na riqueza do coração de todos os Melgaenses. No seu bairrismo e na sua dedicação pela terra! Temos todos a palavra.

Os humildes que tantas vezes nos dão exemplo é aqueles, a quem Deus lhes concedeu alguma riqueza ou bens de fortuna.

O prazo para a entrega da Casa, na sua primeira fase, será a 31 de Março do ano próximo.

Vale a pena lutar por esta obra.

A frente dela, dirigindo-a, vivendo-a nos seus pormenores, nos trabalhos e cansaíros, um grande amigo de Melgaço, a quem todos estimamos pelos seus primorosos dotes de coração, o Senhor Mário Marques Ferreira Maduro, muito digno tesoureiro da Fazenda Pública.

Vamos pois ao trabalho.

N. da R. — No próximo número daremos mais informações.

Por Paderne

Obras de restauração do nosso

velho Convento — Foi com alegria que tivemos conhecimento da chegada de uma caminheta com diverso material para as obras do nosso velho Convento-Monumento Nacional — sempre será acabada a obra desta vez? — Bom era para assim a Casa de Deus as silvas que tantas vezes nos mi- ser arrumada convenientemente.

O nosso cemitério — Pessoa amiga veio junto de nós para no nosso querido jornal dizermos algo sobre o estado em que se encontra o nosso cemitério, local onde repousam os nossos entes queridos.

Há muito que nisto se pensou, mas por se julgar que o mesmo seia mudado para outro local, firmamo-nos silenciosos, até agora.

O nosso cemitério está mais ou menos limpo e arrumado, porém existe uma diferença que a quem de direito pedimos lhe dê a solução devida.

O cemitério está junto ao adro e sem qualquer vedação a não ser a vedação deste. Quando se abre o portão do adro lá entram galinhas, cães e outros animais.

O rapazinho não deixa parar qual quer jarra onde nós costumamos por flores e os proprietários das campos vêm-se obrigados a pagar o concerto de cruzes que o mesmo vai danificando.

Não seria fácil à Junta da Freguesia com pouca despesa fazer uma vedação e que pusesse cobro a tudo isto?

Fica o pedido feito em nome de todos os habitantes de Paderne.

Os nossos Caminhos — Do mesmo modo vimos lembrar o estado em que se encontram alguns caminhos.

O piso é mau e já que não é fácil arranjá-lo convenientemente tem tirado a água dos mesmos, pois no mês de Junho parece estar debaixo de águas pluviais, ao menos obrigar o dono das propriedades que têm muros à margem dos caminhos a cortar as silvas que tantas vezes nos mi- seousem com os seus espiúchos alguns deles já de idade bastante avançada.

Não constarão estas disposições do respectivo Código da Junta?

Festividade em honra de Nossa Senhora de Guadalupe — Foi

no dia 27 de Maio passado que se realizou no visinho lugar de Crastos a festividade de Nossa Senhora de Guadalupe, concludo a mesma de missa cantada, e ar- raçal, ao pulpito subiu o para- nós já conhecido orador Sac- o Rev. do P.e Mariz da freguesia de Cristóval que muito agradou.

A procissão não chegou a dar a sua volta de costume devido a chuva que durante quase todo o dia foi ininterrupta.

O arraial foi abrilhantado pela música de Cavenca e toda a retransmissão foi feita pela Ca- chibine (S. Onora Melgaense), única que abrilhantou o arraial da tar- de, por o mau tempo não permiti- tir que a música fizesse uso do seu vastíssimo repertório.

Estão pois de parabéns os mo- demos que tam têm sabem adm- nistrar as escolas colhidas.

Reestabelecimento — Depois de doença que o prostou bastante tempo no leito, já se encontra em franca convalescência o sr. Manuel Luis de Pinho Gonçalves,

distinto Professor Oficial nesta freguesia e Ilustre Vice-Presidente

da nossa Câmara Municipal. — C.

Um passeio a terras de Bragança (Continuação da 1.ª página)

ao por-do-sol. Este, depois dum dia invernos em que a chuva caía quase ininterruptamente, veio, como de encomenda, para nos acompanhar nessa contemplação do belo...

A noite caía lentamente, quase sem nos apercebermos disso, porque logo a seguir ao Marão um espesso nevoeiro cobriu-nos, dando a sensação de estarmos a fazer uma viagem de aeroplano.

Vila Real passou-se de corrida. Não paramos lá contra a vontade duma grande parte dos excursionistas, pois poucos conheciam a capital transmontana.

Paramos mais além, para reanimarmos um pouco as forças e espalhar o frio, que então se fazia sentir com grande intensidade. Para esse efeito, organizou-se uma corrida aos 100 metros em que o rabisador destas pobres linhas perdeu com o João Castro, em virtude deste ser possuidor de gâmbias mais compridas...

Retomamos viagem e, não descansamos mais até Murça. Eram 9 horas da noite quando chegamos aí; dirigimo-nos a um Café e trocamos algumas impressões com os habitantes dessa região, homens pesados, sombrios e de poucas falas.

Ficaram bastante admirados com a nossa presença e sobretudo, quando viram sair do carro tanta gente, julgando até que íamos contratar a afamada banda de música que aí dizem existir.

Já saturados de tanta viagem e, como ainda nos restavam 100 kms., improvisou-se um orfeão sob a maestria do sr. Armando Solheiro, para amenizar um pouco esse resto da viagem. Cantaram-se alguns números interessantes, inclusive o fado Hilário, ou não fosse lá um seu homónimo... e, diga-se de passagem, agradou.

Andamos, andamos por meio de serras e vales e as aldeias que encontrávamos eram oásis no deserto.

Apesar disso, as estradas eram esplêndidas, prova de que Trás-os-Montes foi e continua a ser berço infundável de homens célebres.

Até que enfim, eis-nos em Bragança.

Perguntamos pelo Largo da Sé onde nos deviam esperar. Encontramos a sra. D. Maria Helena da Cruz acompanhada de seu pai sr. Mário Péricles da Cruz, que depois das apresentações da praxe nos encaminhou para sua casa.

Como pouco faltava para a meia-noite o apetite fazia-se sentir. Tivemos então a oportunidade de saborear leitão assado, que só tem competidor, a meu ver, na famosa região da Bairrada.

E, depois duma jornada exaustiva, era justo, como não podia deixar de ser, entrarmos no reino de Morféu!...

A manhã do dia 26 de Março p. p., ao contrário do que esperávamos, apareceu cheia de luz com um céu brilhante a prognosticar um dia bonito isento de chuva o que muito raramente se tem verificado nesta quadra nada primaveril.

Deram-se umas voltas pela cidade e verificamos o seu aspecto um tanto antiquado.

As 11 horas, um grande cortejo de automóveis conduziu os convidados à Sé Catedral onde se realizou o enlace da sra. D. Maria Helena da Cruz, distinta professora do concelho de Monção, como já disse, filha da sra. D. Céu dos Anjos Carvalho e do sr. Mário Péricles da Cruz, livreiro local, naturais da dita cidade de Bragança, com o sr. José Augusto Lourenço, também professor no mesmo concelho de Monção, filho de D. Maria Lourenço e do sr. Manuel Lourenço, proprietário no concelho de Melgaço.

Presidiu o Rev. do P.e Manuel Lourenço, abade de Fiães e irmão do noivo. Parafestaram a cerimónia, por parte da noiva, a sra. D. Aida Setas Martins e seu marido sr. Tenente Avelino Martins; em serviço no Q. G. da 1.ª Região Militar do Porto, e pelo noivo a sra. D. Céu dos Anjos Carvalho da Cruz e seu marido sr. Mário Péricles da Cruz, pais da noiva.

No início desta cerimónia o sr. P.e Lourenço fez uma brilhante e expressiva alocação relativa ao acto solene que ia seguir-se. No final, tiraram-se várias fotografias e foi servido um lauto e finíssimo copo-de-água a várias dezenas de convidados.

Durante os brindes falaram o sr. Tenente Avelino Martins, Rev. Sr. Arcipreste de Melgaço e sr. dr. Eduardo Augusto Carvalho, enaltecendo as óptimas qualidades dos neo-casados desejando-lhes as maiores venturas pela vida além.

O colega Lourenço com palavras de reconhecimento para todos os presentes fechou com chave de ouro esta grande festa que jamais se esquecerá.

Ao meio da tarde, os noivos seguiram em viagem de núpcias para Lisboa.

Rouças, Junho de 1956.

Romano Lobato

Dois Melgacenses mortos (Continuação da 1.ª página)

da fronteira. Nesses automóveis achavam-se os seus dois proprietários e um motorista, que alega ter sido contratado para uma viagem, da parte dos seus companheiros.

Os engajadores recebiam 5.000 escudos por cada emigrante clandestino português que introduziam na França, segundo informações recebidas de Gerona. — (ANI).

N. R. — Não sabemos se os nomes estão certos.

Sabemos que a juntar a muitos que têm conhecido as prisões em Espanha e em França, sabemos que aos mortos, em serviço, na França, sabemos que se jun-

tam, agora, os mortos pelas balas da Guarda Civil.

Choramos os nossos queridos contrerãneos que morreram; quando iam tentar ganhar o pão de cada dia.

Choramos a sorte dos que estão nas cadeias, detidos por idêntico motivo.

* * *

Temos de olhar a sério para este problema de emigração. A verdade é que se vai legal e ilegalmente. Ninguém segura a torrente de emigração melgacense. Vai-se de todas as maneiras.

Muitos regressam presos, depois de passarem longos dias em

Rouças, 12

Realizou-se aqui a procissão do Corpo de Deus no domingo, dentro da oitava, e na santa missa que foi cantada, como na procissão, tomaram parte muitos fiéis, prestando os seus louvores e homenagens ao Santíssimo Sacramento.

A festa em honra do Santíssimo Coração de Jesus, no seu dia próprio, foi também muito concorrida, havendo pregação e 130 comunhões. Graças a Deus!

— Tem feito um lindo tempo de sol nestes últimos dias.

— Os trabalhos da estrada cá vão continuando, encontrando-se os homens da frente, já perto dos centeiros do lugar da Igreja. Tem corrido muito bem e todos são unânimes em prestar homenagem ao guarda que a dirige, o sr. Carpinteiro.

Tem vindo por aqui várias vezes o Senhor Engenheiro Costa, de Monção e espera-se no dia 13 o sr. Engenheiro Machado, do Porto, digno Director dos Serviços Florestais do Norte.

— Tem saído muitos rapazes para França. Um deles parece que está preso em Pontevedra.

— A Comissão das festas em honra de Santa Marinha tem trabalhado incansavelmente e espera-se que nessa data já a estrada tenha subido cá acima e vá até ao Calvário.

— Foram baptizadas duas meninas, uma da Aldeia filha de Manuel Esteves e de Rosa de Jesus Fernandes e outra do Paço, filha de António de Jesus Pereira e de Maria Amélia Lourenço. Mães e filhinhas encontram-se bem e as neófitas desejamos muitas felicidades.

Parada do Monte, 10

O perigo das emigrações clandestinas para França — Muitos homens da nossa terra, e doutras terras de Portugal, têm emigrado clandestinamente para França, expondo-se a inúmeros perigos. Alguns tem tido a feliz sorte de chegarem a França sem terem embaraço algum no caminho.

Outros mais infelizes se escapam da Espanha são presos em França por falta de documentos. Pois que muitos querem ir legalmente mas não lhes assinam os passaportes, e eis a razão por que se metem a ir monte, expostos aos maiores perigos e sacrifício. Pois a França tem sido a felicidade de muitos, mas também tem sido a desgraça de outros.

Não seria preferível em vez de irem para França encarreirar para as nossas Africas, e ao mesmo iam de Portugal para Portugal? Onde se fala a mesma língua e onde não haverá dificuldade em arranjar documentos.

Festa de S. António — Realizou-se ontem, a festa em honra de S. António. Constou de missa solene a grande instrumental pela banda de Riba de

Mouro sendo orador o Sr. P.e Custódio Domingues, abade de Couso.

No fim da missa saiu imponentemente procissão que percorreu o itinerário do costume, tocando a música depois do almoço até às 14 horas da tarde.

Muito contribuiu para a festa um dia de sol radiante.

Partidas — Para Cascais partiu um os sr.s Ermindo Es e es; do Tablado, Ermindo Pires, do Casal, e Armando Rodrigues, da Trigueira. Para Madrid, onde foi de visita a seus sogros, partiu também o sr. Júlio da Cunha. Também vimos aqui o sr. Miguel Domingues, negociante no Porto que vem de visita aos seus.

O tempo e a agricultura — Depois de alguns dias de inverno e frio e vento voltou o bom tempo. O dia 1 de Junho até ao dia 5 esteve um tempo magnífico. No dia 6 choveu bastante. No dia 7 já esteve bom. Continua-se com os sachos do milho bastante atrasados devido ao mau tempo. Os batatais há de tudo bons e maus. E já cá temos o escarvalho. — C.

cadeias de Espanha. E nós imaginamos o que por ali se dirá de Portugal: — que temos poucas trabalhos por aqui e menos bem remunerados...

Quando há meses, estivemos em Lisboa, advogamos a rápida saída dos nossos emigrantes para o Canadá, Venezuela e outros povos. Dissemo-lo ao Senhor Presidente da Junta de Emigração, que nos recebeu amavelmente.

Mas reaceamos que as medidas tomadas já venham tarde...

* * *

E no entanto, a riqueza que nos dá a emigração!

Se não estamos em erro, são DEZ MIL CONTOS que se encontram depositados na Caixa Económica de Melgaço.

São centenas de contos que todas as semanas são distribuídas pelas casas bancárias às famílias de Melgaço pelos seus maridos e filhos.

E o comércio e a lavoura (quem compraria o vinho, por exemplo?) que vivem desta riqueza!

Quem viu Melgaço, há dez anos!

Subam por essa estrada acima até Castro e vejam a transformação!

— Casas brancas, caídas, remodeladas, a telha velha substituída, muros levantados, as latas de arame, lindas, alinhadas, frescas: enfim, uma diferença extraordinária!

E a vida de austeridade que os nossos rapazes se impõe, para que nada falte aqui! — Que saúde moral e física a dos nossos rapazes!

Até as nossas igrejas e capelinhas vão sendo outras, mais bonitas, mais formosas!

E no entanto, muitos deles não podem voltar à sua terra legalmente...

Alvaredo, 11

Nunca como agora os pobres rapazes desta freguesia pensaram em emigrar para o estrangeiro principalmente para França.

Há cerca de um mês saíram entre outros os desditosos José Fernandes, casado e Bento Fernandes, solteiro, ambos do lugar da Fria e o seu vizinho Francisco Fernandes, solteiro, do lugar da Sobreira, e que dizem ir ao cuidado de um tal Vilarinho (Peregrino), casado no lugar de Felgueiras.

Já vem perto da fronteira de França, como não parassem o automóvel em que seguíam, a guarda-civil fez fogo sobre o mesmo tendo atingido mortalmente os dois irmãos, José e Bento, e ferindo gravemente o Francisco.

Este desastre custou-nos toda a população, pois os três inditosos rapazes eram muito queridos, devido à sua educação esmerada.

Paz à alma dos inditosos rapazes e à família enlutada, principalmente seu pai, nosso assistente Manuel Fernandes (Troia) o nosso cartão de sentimentos. — C.